

Antologia



Editora Bela Arte





**EDITORA BELA ARTE**  
Moçambique – Maputo  
belaartemoz@gmail.com  
Telef: +258 848875730 / +258 824231314

# FICHA TÉCNICA

**TÍTULO:**

Pátria amada

**EDIÇÃO E MAQUETIZAÇÃO:**

Bela Arte

**AUTOR:**

Jovens Moçambicanos

**COORDENAÇÃO:**

Lídia Mathe - Bela Arte

**RECOLHA E SELECÇÃO:**

Ivandro Singaval, João Manguela e Gonçalves Gonçalo

**ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO:**

José Cumaio e Rosa Pedro

**ARRANJO GRÁFICO E CAPA:**

Agnaldo Chalate e Tsembissa Uanga

**ARTISTAS PLÁSTICOS:**

Noel Langa, Silva Dunduro, Zeca Craveirinha,  
Revelino Sengo, João Timane e Marcos Zandamela

**MENSAGENS:**

Razaque Manhique - *Primeiro Secretário do Comitê da Cidade Maputo*  
Anchia Talapa - *Secretária Geral da OJM*  
Jaime Neto - *Ministro da Defesa*  
Oswaldo Petersburgo - *Secretário do Estado da Juventude e Emprego*  
Eneas Comiche - *Presidente do Conselho Municipal da Cidade de Maputo*  
Edson Macuacua - *Secretário do Estado da Cidade Maputo*  
Júlio Parruque - *Governador da Província de Maputo*  
Ussene Ussene - *Presidente do Conselho da Juventude da Cidade de Maputo*  
Paloma Marrisula - *Jovem Médica*

**ORGANIZAÇÃO:**

António Mahumane - OJM CIDADE

**REVISÃO:**

Dionísio Bahule e Jorge dos Santos

**CONSULTORIA HISTÓRICA:**

Jorge Massunda, Maria dos Anjos e Carlos Feliz Felizardo

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS:**

Tipografia Prelo Clássico

**TIRAGEM:**

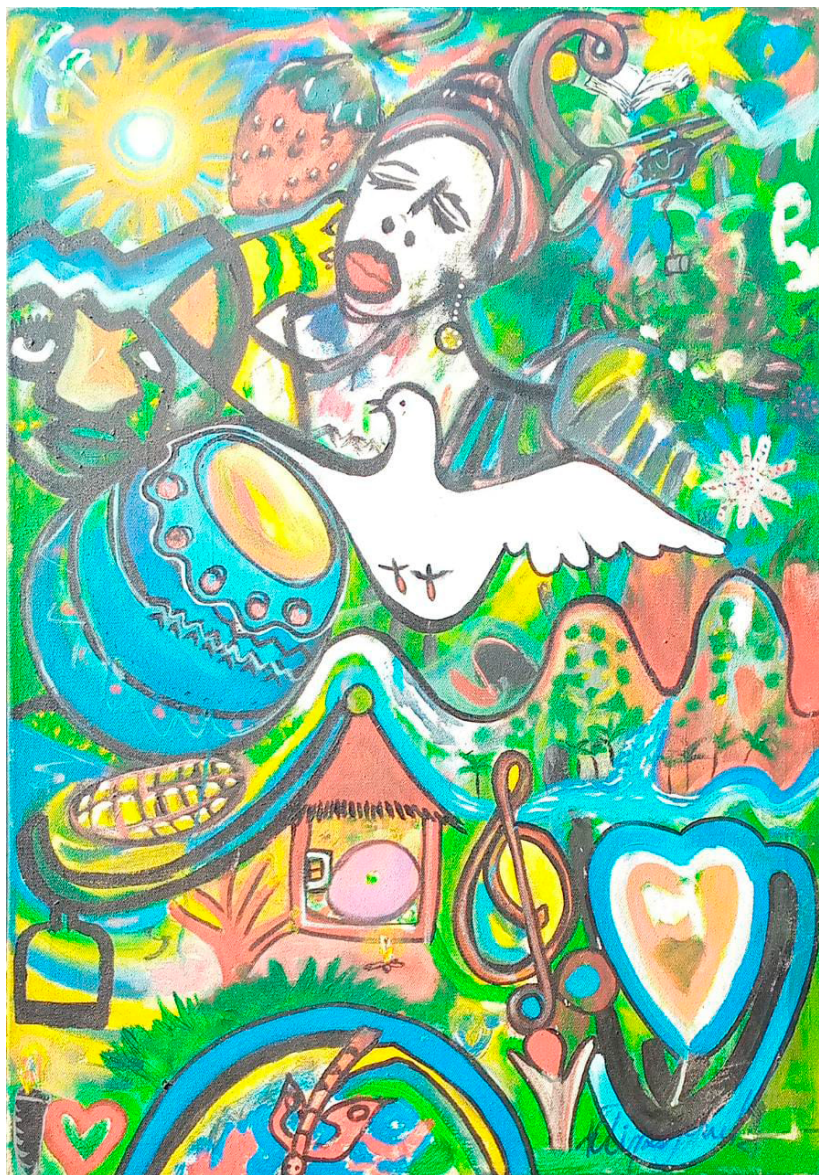
500 Exemplares

1ª EDIÇÃO

2021



*EDUARDO MONDLANE*



**Tela do Pintar Moçambique:** iniciada e assinada por **Sua Excia Filipe Jacinto Nyusi** (*Presidente da República de Moçambique*), e pintada pelos Moçambicanos, no périplo pelo País. Nas celebrações dos 50 anos da Unidade Nacional.

## PREFÁCIO

«[...] a explosão da linguagem literária foi um facto de consciência, não um facto revolucionário. [...] Ao menos, pela primeira vez, não é a escrita que é a literatura; a Literatura é expulsa da forma; já é só uma categoria; é a Literatura é a ironia, a linguagem constitui aqui a experiência profunda.»

**ROLAND BARTHES, 2006:65-74**

O acto literário sempre deu-se como um lugar de contestação; um exercício que se rebela e se move constantemente para o caminho da interrogativa constante; isso é na verdade – o equivalente de um filósofo – aquele que se deixa contaminar pela circunstância do seu tempo. Só com os sentidos submersos no seu tempo se pode chegar ao lampejo do problema; aí a responsabilidade do artista sobre a velha pergunta: o que escrever e como escrever? Esta pergunta segue sempre o labor do artista. E ter juntando várias vozes num único lugar – faz-nos pensar: é tempo de escutar; de rever as ideologias do pós-independência principalmente, a que ainda hoje provoca sequelas: matar a tribo para fazer nascer a nação. É possível uma nação sem as suas particularidades e as suas gentes? É nisso que mora a voz colectiva; o conjunto que reúne a sua sensibilidade.

Atravessamos hoje – uma dupla fadiga: a primeira – a que chamo de - *anulação do rosto do outro* e a segunda, aquela que nos força a fazer o caminho do casulo; de regresso ao nosso lugar de demora; de permanência – a Covid-19. São duas as fadigas que

o acto que transita entre a poesia e um outro exercício que se metamorfoseia entre três dimensões do catálogo humano: conto, crónica e narrativa apresentam a reivindicação de um pensamento geométrico. Mas como pensar de forma matemática dentro da densidade humana? *Hoje, na nossa viagem é chegar a prática*. De que prática se refere se não a invocação a um acto colectivo em tempos de cólera? António Mahumane ao predizer esta necessidade – faz-o com os olhos para o futuro. É com certeza, que a Lídia Mathe em jeito retórico questiona: *E o sol de Junho...!* Há neste verso a invocação de um sentido colectivo para fazer-se o exercício de regresso a utopia da liberdade como lugar de concretização do todo. E qual decreto urgente para além do ritual da paz. Lembro agora de uma leitura feita da obra de Sartre – *Que é a Literatura?* Havia logo depois do início do primeiro capítulo – uma dolorida distinção entre o escritor e o pintor – dando ao primeiro – a capacidade de remover-nos ao lugar do concreto; a essa capacidade que tem de mostrar por de suas descrições, o símbolo da catástrofe e da injustiça social; o exemplo foi do casebre: «O escritor pode dirigir o leitor e, se descrever um casebre, mostrará nele o símbolo das injustiças sociais, provocará nossa indignação. Já o pintor é mudo: ele nos apresenta um casebre, só isso;» Mora na verdade aqui – a procrastinação da Literatura pela Filosofia.

Talvez a possibilidade de mostrar a dor por meio da palavra tenha seu começo com Gonçalves Gonçalo. Atemo-nos por exemplo a estes versos: *Sou este pão sem sacola/Sou a lágrima/A saudade do futuro que não (vi)verei*. A tónica tem seu ângulo de projecção em Cabo Delgado como a vértebra dorsal da fadiga conjunta. Será que o Sol de Junho se apagou? É uma pergunta colocada ao António Magaia. Estaremos a renunciar a casa de todos? Que fazer? Fica-nos aqui a sede pela liberdade; justiça; retorno ao tranquilo tecto que se chama Moçambique.

Obviamente! É necessário aceitar o acto literário padece hoje de uma necessidade de recolhimento. Desse exercício de clausura para exumar-se depois perguntar inúmeras vezes: já posso sair? Este é o caminho. Cada voz tem seus coágulos interiores e que os partilha neste estendal de conjunto. A responsabilidade do artista é aqui chamada; a nunca virar-se contra o que o nosso tempo grita; sobre o que o nosso lugar mostra. A pátria é a nossa Bandeira. E o escritor deve a todo instante – pegar a palavra como um utensílio possível que o ajuda a fazer mostrar o que do inquieto acontece à nossa casa conjunta. Orgulhem-nos por ter do nosso lado, esta juventude, a força viva da nação, sempre pronta a evitar esforços, com vista a proteger a nossa nação e provar de forma inequívoca que aqui o amor a pátria é a nossa cidadania colectiva.

**CARLOS PARADONA ROFINO ROQUE**  
SECRETÁRIO GERAL DA AEMO



## INTRODUÇÃO

O tempo surge quando a decisão de cuidar é activada e prontamente enviada ao campo do conhecimento. Quando nascem ritmos e princípios, que manifestam opiniões honestas e críticas, que emitem sinais por serem lidos e interpretados no futuro. Quando o único remédio para o bem-estar é você mesmo, quando o amor, o patriotismo é mais que uma decisão, é uma missão! Esta obra, antecipa um conjunto de material misto, a suscitar a necessidade de consultar sempre opiniões:

«[...] e nós todos no território lascivo  
Do teu belo corpo, desmolequizados,  
Fazemos nas máquinas das bocas  
A nossa própria sacarina de beijos.»  
*José Craveirinha*

«[...] a finalidade da nossa luta não é somente destruir.  
É primeiro, e principalmente, construir um novo Moçambique,  
Onde não haverá fome e todos os homens  
Serão livres e iguais.  
Estamos a combater de armas na mão porque para construir  
O Moçambique que queremos, temos primeiro que destruir  
O sistema colonial português... e só  
Depois disto, seremos capazes de dispor  
Da nossa força de trabalho e das riquezas da nossa terra...»  
*Eduardo Mondlane*

«[...] todos respiramos  
Ninguém nos ensina isso  
Uma acção de trocas permanentes entre cada um de nós  
E o todo que representamos.  
Sintonia. Harmonia. Era tudo tão natural,  
Tão normal, que só fazia sentido  
Enquanto cada um de nós fosse exemplar  
Da boa Educação política e ideológica.»  
*Lucílio Manjate*

Assim, juntei a minha, na voz do “José Craveirinha” o maior poeta de Moçambique, na do Dr. “Eduardo Mondlane” o Arquitecto da Unidade Nacional e na do Jovem Escritor Moçambicano “Lucílio Manjate” para depois de lê-los, começarmos a usar nossas vozes como um instrumento igual ou recursos de recorrência para a transformação e não a destruição.

Segundo os pensamentos que residem nesta Obra Pátria amada, que referem da forma mais firme e eficaz, o que é o normal, o que é o preciso, o que é o audacioso para fechar o tempo e servir as balizas da celebração geral dos acontecimentos e feitos no nosso solo pátrio. É aceitável dizer que este estilo nos fica bem, tal que nos torna mais orgulhosos do que nascemos, encontrar nossa juventude, organizando, produzindo marcos que contribuem para serem utilizados como instrumentos ideais para despertar consciências nas desavenças que ocorrem entre irmãos ou grupos que afectam negativamente um todo! É uma atitude impressionante que encoraja pelo seu conteúdo, e origina títulos, resultados de esforços replicáveis e de tamanha inspiração.

## “ANTOLOGIA - PÁTRIA AMADA

Há neste encontro de meus pensamentos e minha emoção, uma vontade de terminar dizendo: podíamos adiar outros excessos lendo este livro de “Literatura fina, Artes Plásticas de grande porção dos mestres e Mensagens de líderes que envolvem a única alternativa certa: o amor.

**ROQUE SILVA**

*Secretário Geral do Partido FRELIMO*

## MOÇAMBIQUE

Como sol  
Acentuado em pedaços de nós

A cada dia que passa,  
Há sonhos  
Novos que te vivem

Que despertam outros remates  
E libertam a paz  
Vigorosamente e firmes  
Te vivem...!

Sonhos dos Jovens de 25 de Setembro,  
Regenerando-se perpetuamente  
Na eterna Seiva da nação

...Sonhos de outros Mondlanes e Samoras

Que firmam récuos de miragens polvorentas  
Que poluem nossos capítulos  
E te vivem!

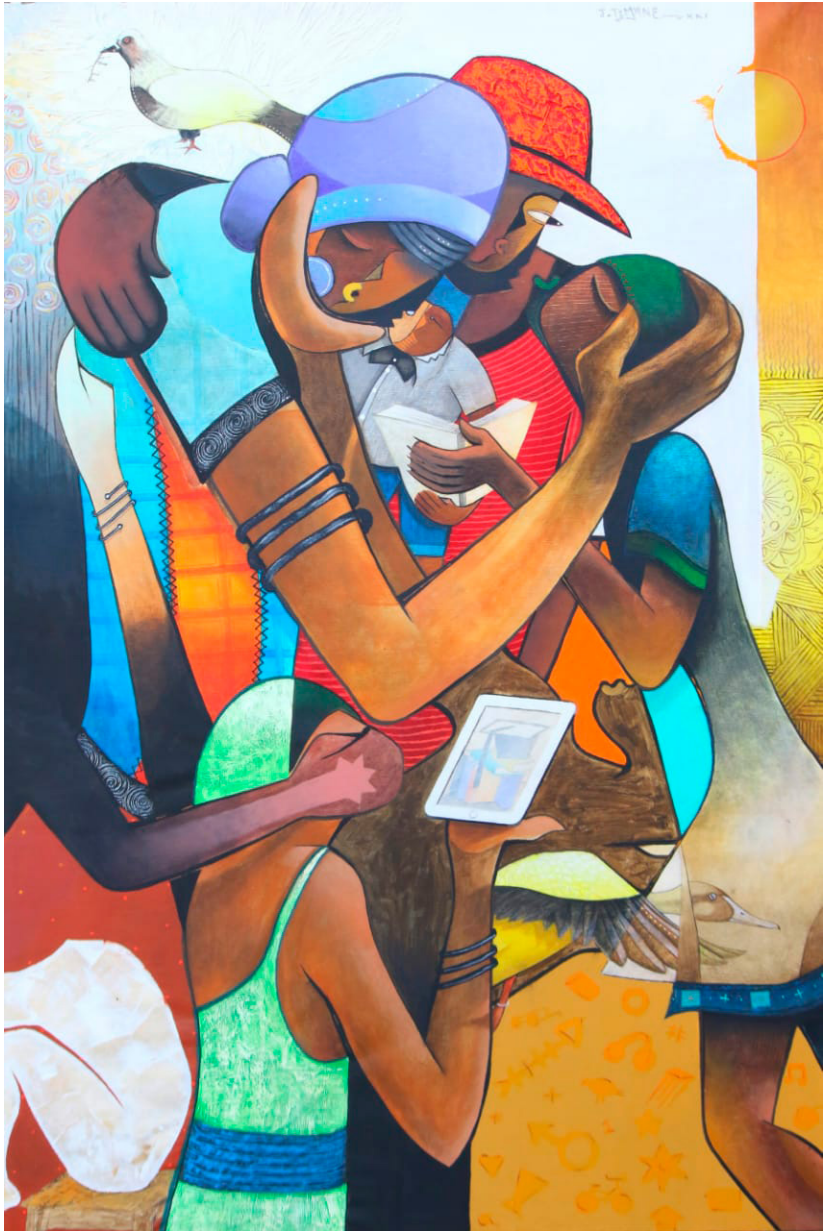
Sonhos velozes,  
Que alcançam e conquistam  
O eterno Jovem, que se levanta no teu ventre

Sonhos que exprimem gotas ideais,  
Com canos empunhados na massa cinzeta,  
Para te regarem esperança,  
Para te regarem Moçambique!

Hoje a nossa viagem é chegar a prática  
De sermos a eterna paz,  
Na pátria amada!

**ANTÓNIO MAHUMANE**





*Marcos Zandamela*

## O DECRETO

O mar me vende memórias  
Das palavras  
Grávidas de saudades!

As sementes  
Me ditam histórias  
Do futuro que podia ter  
Ido além da vaidade

Mas a ganância e vingança  
Roem-nos os sonhos  
E sangram-nos lentamente  
Da alma aos olhos!

E a chuva...!  
Que não mais nos rega,  
Agora arrasta!?!

E o sol de Junho...!  
Que não mais convida a vitória,  
De nós afasta!?!

...se pudessem  
Escutar  
Palavras  
Que disse antes destas

Economizariam recheios de sentimentos  
E viam  
Outra forma de crescer  
Sem apodrecerem vossas almas!

E no barco à vela,  
O poeta nas ondas da guerra  
Decreta,  
Recolher obrigatório para a paz  
Que se faz.

...então a história renasce  
E das cinzas  
Se imprime a última versão do amor!

**LÍDIA MATHE**





*Marcos Zandamela*

## NÃO SOU MAIS GENTE

Sou escrita dos que sem escola  
Apenas escrevem em seus rostos,  
Olhares tristes e rotos  
Nesta molhada página que a vida lhes mora.

Sou este pão sem sacola  
Convertido em arma que fabrica mortos,  
Enxada que cava os corpos  
Semeados nas machambas de Gorongosa.

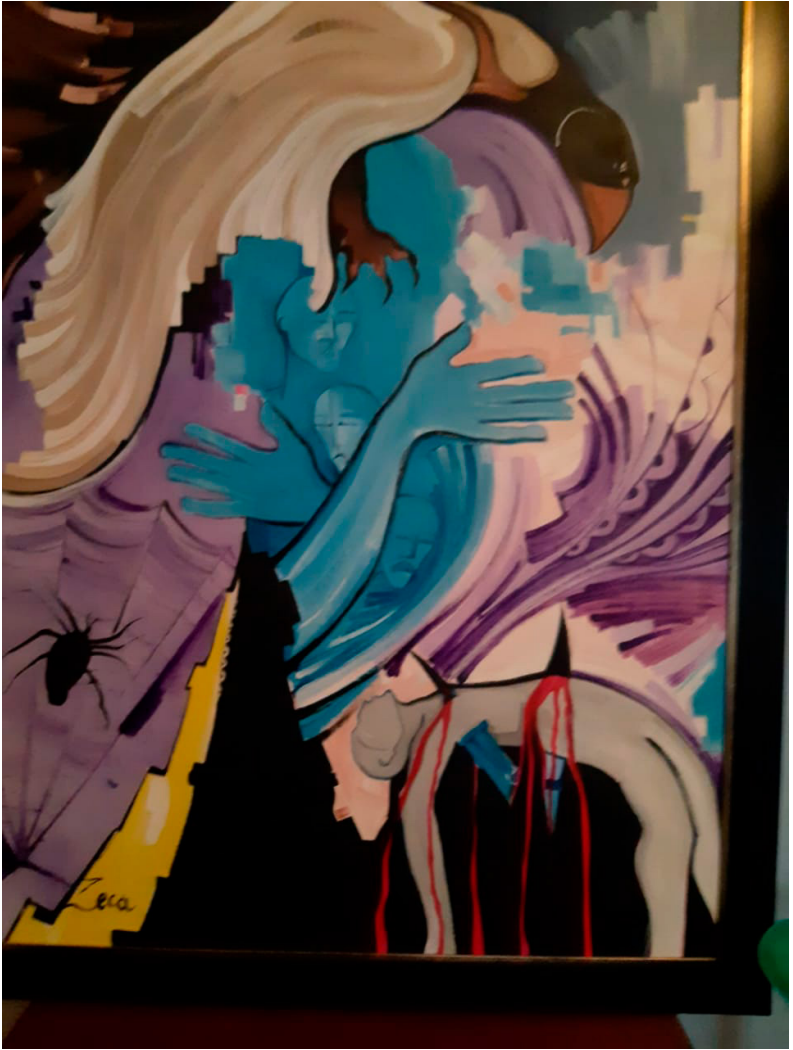
Sou este tão cansado “*descansa em paz*”  
Que o som das armas não nos deixa escutar.

Sou o monte feito de valas  
Incomuns  
Furos de balas cravadas em meu não corpo, resto de vida.

Sou a lágrima,  
Rio de tristézima fonte sem fim,  
Sou apenas este fim que nos chega e se repete.

Sou a saudade do futuro que não (vi)verei,  
Minha existência é rica de abandonos  
Minha verdade é só engano:  
Não sou mais gente, sou cabo Delgado.

**GONÇALVES GONÇALO ( O ESPOSO DA POESIA)**



*Zeca Craverinha*

## REVOLTAR-ME-EI

...e se as palavras acabarem?  
Os últimos poemas não mais baterem

O silêncio não ser mais o mesmo  
E revoltar-se nessas núvens em êxtase,  
E a humildade altar-se por aí  
Que será de ti...?

E se o verso  
Perder-se no sentido perverso  
As tuas mãos  
Não mais dizerem nada,  
Enquanto os teus pés tropeçam  
Em escadas do tempo

Alma estilhaçada  
E a tua vida no nada  
Que será de ti, Cabo Delgado?  
Que será do seu coração Moçambique?  
Que Será dos seus filhos  
Que até aqui não se rendem?

...por isso revoltar-me-ei.

**LUÍS NHAZILO**



*João Timane*

## VAMOS SALVA-LA

Vamos salvar  
Sonhos escurecidos,  
Afundando o medo  
Neste mar!

A coragem, nossa Bandeira  
Entoaremos erguendo o nosso punho,  
Na certeza  
Da luz  
Estendida por este poema  
Pátria amada!

**TATIANA BRAZ**



*Silva Dundero*

## AQUI PERMANEÇO

O modo de fala  
Em passos firmes,  
Aqui permaneço!

Digno da paz, de vontade,  
Digno do amor, da liberdade  
Aqui permaneço!

Entre esperanças esvoaçadas de pombos,  
Aqui permaneço

Me unindo,  
A todas modalidades criativas  
E positivas

Aqui permaneço convecido de libertar  
A paz eterna!

**GÉRVASIO JEREMIAS RUFASSE**

## UM GRITO DE SOCORRO

*(às vítimas de ataques em Cabo Delgado)*

Mãe

Na casa do meu Pai

Desde Mocímboa da Praia, Quissanga e Macomia

Hoje com as guerras; falta-me tudo menos nada, incluindo moradia

Meu Distrito está deserto

Sim, falta-me o teto, o milho, as enxadas e charruas

Menos a carne e sangue

Provocado por estes ataques armados;

Minha mãe

Pouco falta para época de Natal

E agora não sei o que será de mim

Lá fora, a pademia as ruas contaminou

E aqui, os insurgentes ainda semeiam terror

Com as armas desfazendo casas, famílias e escolas ao seu redor;

Como se por dentro não tivessem amor

Como se não soubessem que isso nos causa dor

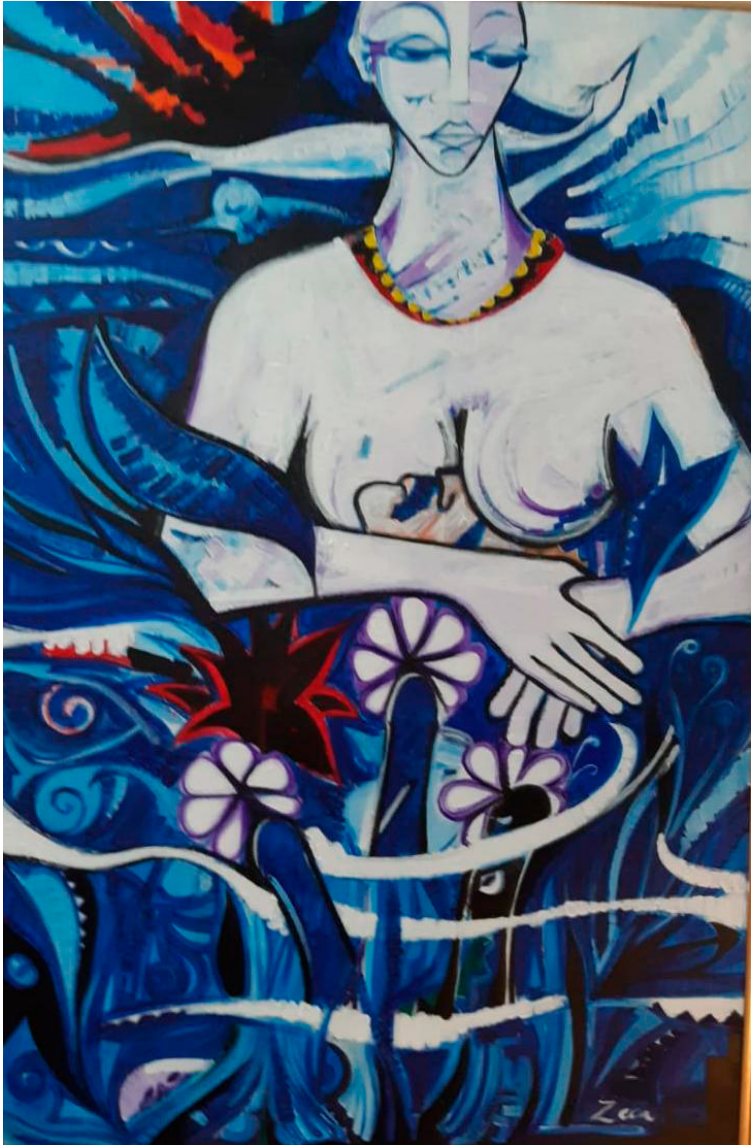
Porquê tanto rancor?

Se Cabo Delgado também vesti-se da mesma cor

Diz-me mãe  
Porquê ainda te calas com teu apoio  
Se todos somos vítimas destes horrores  
Destes terroristas e caça(dores)

Na casa do meu Pai  
Hoje todos cansamos de refugiar  
Minha gente também quer festejar  
Basta tanta violação  
Pedimos que nos estendam a mão!

**ERNESTO MOAMBA**  
**[ FILHO DA ÁFRICA ]**



*Zeca Craverinha*

## CABO DELGUERRA

Dedicado a todas vitimas dos insurgentes em Cabo Delgado

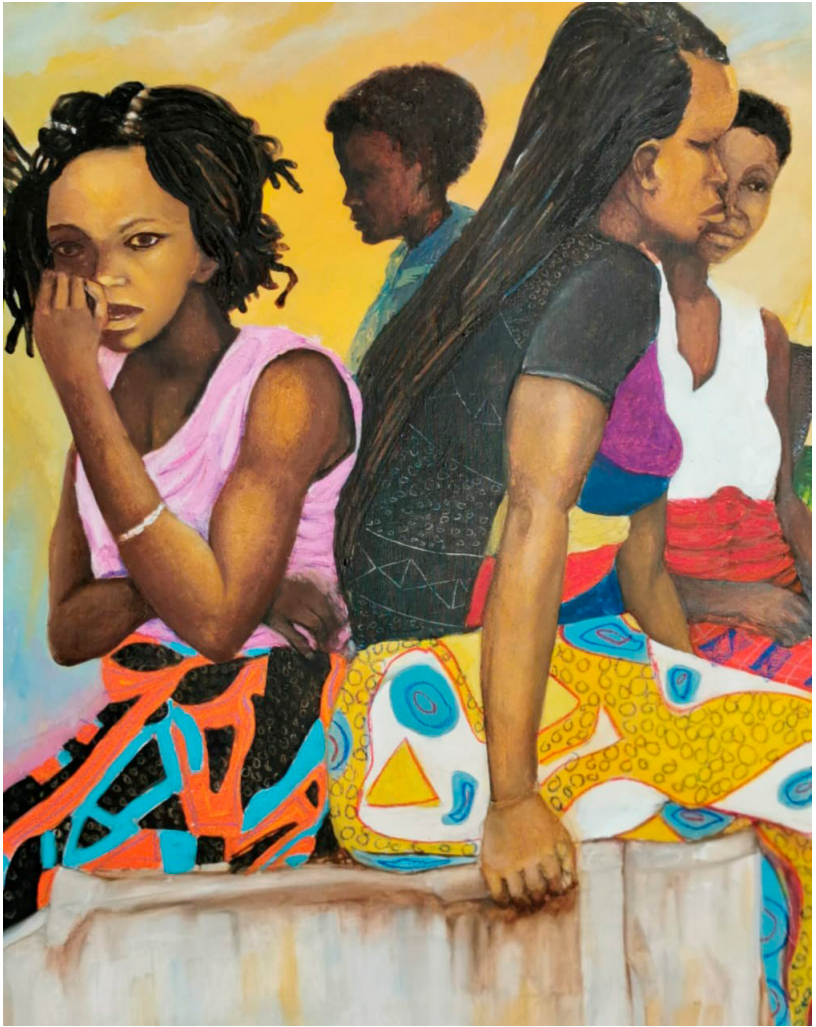
O Sol de Junho se apagou  
Cabo Delgado acolheu chuva de massacres  
Coração de mamana Rosita sangrou  
Menino Jaimito foi decapitado nos ataques

Famílias dilacerando-se entre a vida e o horror  
Despedindo-se á sinfonia das granadas  
Abraçando outra vez a áspera miséria e o terror  
Vestindo a dor de suas almas bombardeadas

Transmutaram Cabo Delgado, para Cabo Delguerra  
Mas ainda irão devolver-nos a nossa terra!  
E as lágrimas que viram Jaimito morrer

Nossa pátria triunfará cantando e de mãos dadas  
Se outrora conquistamos zonas libertadas  
Moçambique, o sol de Junho vai renascer!

**ANTÓNIO BAPTISTA MAGAIA**



*Silva Dundero*

## AS BALADAS SEM ROSTO

Meus olhos húmidos,  
Sentenciaram condecorações de dor

Superaram obstáculos...

Geraram Check- Mit  
Aos generais do mal!

De certo temos dados complementos  
Para recusar  
Baladas sem rosto.

Somos o povo  
Pronto para dar o olhar  
Além dos óculos imaginados  
Na parede da nossa voz

Um povo que levanta  
Não para pedir desculpas,  
Mas para agradecer,  
A coroa que nunca derrete:  
O amor.

Um povo que lambe o prato sabor prova de bala!  
Este povo, não parece,  
Mas é Herói.

**MANUEL QUINZE**



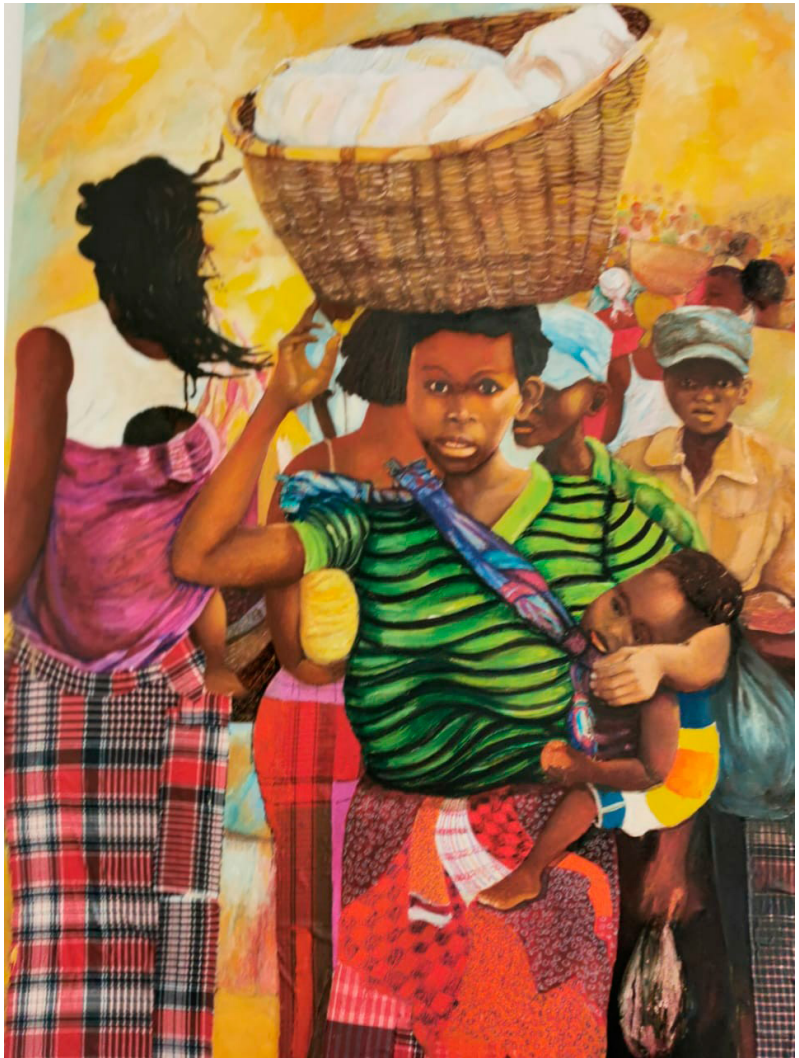
*Noel Langa*

## E NO REPENTE

Como veneno de uma serpente  
Vi minha alma fugir do nascente  
Armas, correrias, gritos e mais gritos.

Vozes, oiço gritando:  
Eu também sou Moçambique, Socorro.  
Eu também sou Moçambique, me ajudem.

**LUÍS GAMBOA**



*Silva Dundero*

## NÓS CANTAMOS, NA PÁTRIA AMADA!

Com os olhos amolecidos e boquiabertos,  
Equacionei o tom da voz...  
Ai, surgí-me no cantarolar  
Do som incorpóreo  
Do meu aparelho de artifício.

Aos patriotas eu vim dizer...  
Sobreviver também é viver...  
Nesta Pátria Amada é bom conhecer...  
Suas famílias e tudo para amar...

Nesta Pátria Amada é bom aprender:  
A ler e escrever...  
E a descrever a alegria da natureza...  
E a belezas  
do som da nossa amada Terra

Nesta Pátria Amada, é bom conhecer:  
As maravilhas do algodão e amendoim  
Da mandioca e batata-doce,  
Do tomate e do arroz,  
Concebidos do ventre inspirador da meiga Pátria,  
Aquele moçambicana  
De lá de Zumbo,  
Que resvala até o Indico  
E emparelha-se ao Norte e ao Sul.  
Nesta Pátria Amada, nós cantamos!

**CAETANO JOSÉ FAUSTINO**



*Marcos Zandamela*

## SOU CABO DELGADO

Sou cabo delgado  
Filho da África e Mussa Bin Bique  
Sou filho dessa terra  
Filho de um pai

Sou Cabo Delgado  
Filho dessa terra  
Terra da nhangana, do txeke, da chicoa, do frango  
Zambeziã e da Malola

Sou Cabo Delgado  
Solo em cinzas  
Meus habitantes são escaramuças  
Se sentissem o que sinto  
Zambeze teria regressado a sua nascente  
Sou Cabo Delgado

Mano Niassa amarre minha barriga esfomeada  
Mana Zambézia dê-me um pouco do seu leite  
Mano Nampula meus rúbis perderam valor  
Estou sem valor  
Sou Cabo Delgado manos  
Vou me afogar no índico  
De nada para o nada  
Vou banhar a minha morte no índico  
Talves despertem do nada para o nada  
Sou Cabo Delgado

**HIDRISSÉ MAHOMED**

## SILÊNCIOS DA MINHA PÁTRIA AMADA

Perdi a conta das noites em meio a sacrifícios  
Sangue em minhas mãos justificam os fins  
Arrependimentos empacotados na alma, onde o tempo não  
recua  
Assombraram o orgulho do meu ser para o mundo  
Queria depositar esperança e deixar o mundo alegre

Mas nisto sinto-me agreste  
Ser humilde tornou-se inútil  
Minha única certeza é apenas um labirinto

Neste mundo me sinto um pequeno simba  
Solitário e inconsolável

A dúvida é mais forte que a certeza  
Não sei mais se habita em mim alguma crença  
Queria escrever poemas para eternizar a vida  
Mas das lágrimas só se expressa agonia  
Enquanto muitos projectam futuro  
O meu presente faz-se no escuro

**PAULO JAMINE**

## É ASSIM QUE NÓS NASCEMOS

De corpos acordados e olhos fechados  
Num País independente e com mentes dependentes  
Somos ensinados e formados para ser empregados e poucos  
patrões  
Homens e mulheres morrem de balas mal direccionadas

Mas os donos das vidas não são direccionados  
Filhos ficam sem pais, e pais sem filhos.  
É assim que nós somos

Escravos do trabalho  
Engolimos falácias alheias e poucas ditas nos jornais.  
Somos cortados as línguas antes de falar

Por falta de emprego fizemos de aluguer as nossas lágrimas.  
Inventamos a irmandade só pra sermos empregados

Nossos filhos se perdem nas guerras  
Guerras que lutam sem pernas e ficam heróis nos túmulos.  
Assim que nós somos  
Abusados pelos donos da lei

Qual lei?  
Quais palavras?

Palavras que se foram com os seus donos?  
Que partiram para melhor ficar?

Crianças crescem o corpo com mentes vazias  
Compram notas e diplomas

Uns até o emprego lhes é vendido ou comprado  
O bandido vira polícia a quem se queixar?  
Gente fica indigente

O conhecimento liberta,  
A ignorância aprisiona

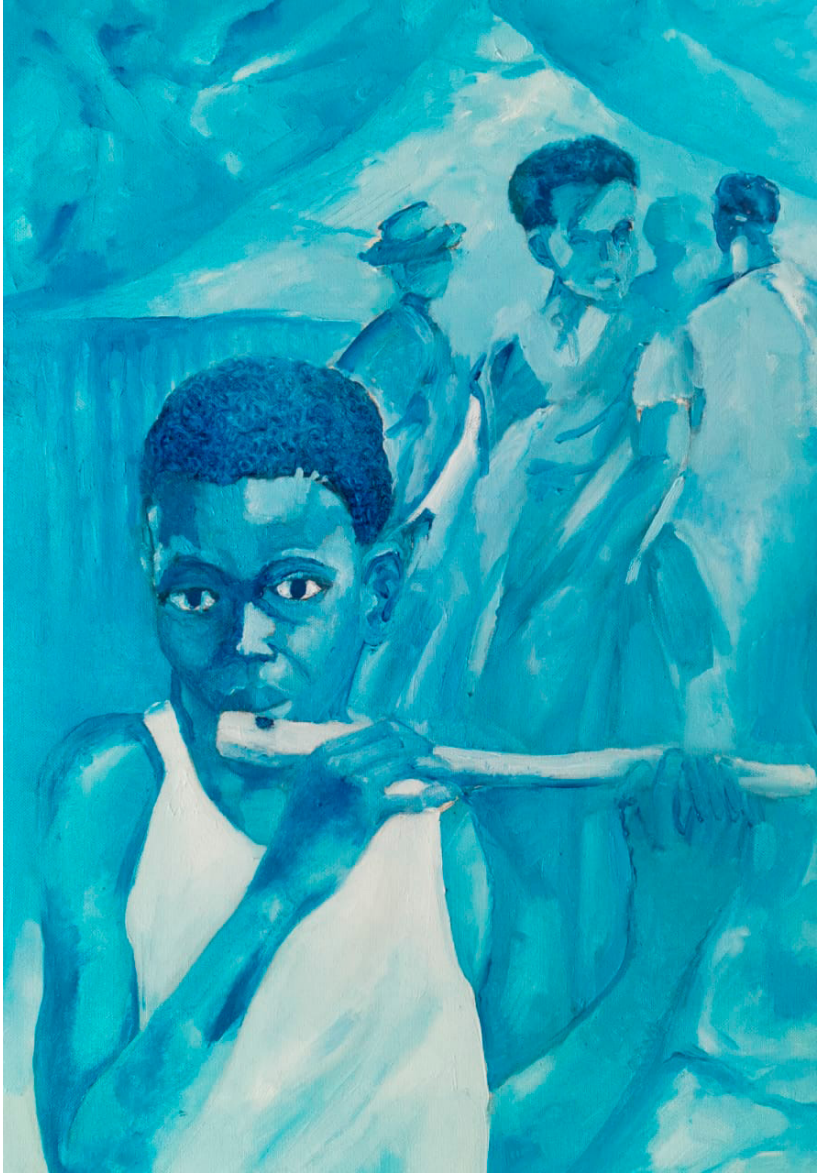
**ANTÔNIO MILICE**

## POESIA DE COMBATE

Ao por do sol nasce em mim a terra sonâmbula  
Que baila o nikechte da liberdade dispersa de paz  
Onde disparo em mil e um corações  
Em corações do EU Moçambique,  
Na tradução de chuvas, quero oh minha pátria amada  
No batucar do xigubo  
Sentir a tua pura marrabenta  
E dela banhar a eterna liberdade

Quero viajar com o tempo,  
Com o tempo que cantiga o muthini, o xingobela e o xitchuketa  
a moda xissassenta  
Fruto do imbondeiro, tu és liberdade  
Fruto do coração que bati no despir no índico  
Em madrugadas caídas de cacimba  
Como a xicandarinha em volta da lenha  
Que desfila sementes de paz...

**LÍRICO POÉTICO**



*Silva Dundero*

## LÍNGUA CHANGANA KUMBE XANA LIMWANI SIKU

Loku a no tsala

*TRADUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA*

Quem sabe um dia!

E se eu escrevesse um poema  
Quem sabe um dia  
Os cabos não mais precisariam guerrear  
No cabo Delegado

E se o meu poema falasse  
Aos demais tocasse  
Levaria de nós o insurgente  
Sem teto, com punhos de sangue

Se o meu poema ao menos comunicasse  
Consolaria os olhos daquela menina  
Massacrada pela insurgência  
Desamparada pela vida  
Que grita: sou Moça do alambique  
Esquecida no norte  
Com a palma soltando a alma  
Num canto exposto ao gás  
Chorando encostada ao indico.

Apetece-me escrever um poema...

**PRÉ-DESTINADA**

## A VOZ DO MENINO SONHADOR!

Olhem para este chão ensanguentado  
Digam-me  
Pretendem como nosso corpo?  
Derrubado na terra?  
Não percebo.

Será que  
Somos tão desprezíveis assim?

Ao ponto de arrancarem os nossos sonhos? À vida do nossos  
pais...

Porquê eu?  
Porquê nós e não tu a caíres assim?  
Não esqueça  
Eu já disse:  
Esse é um atalho inserido no labirinto  
Onde nós mesmos somos as paredes.

E  
As nossas mãos  
Vão  
Sem fim  
Escrever os pontos da tua cobiça desmedida.

**GASPAR A. PAGARACH**

## MASSACRE

A cada data que retarda  
É mais lágrima derramada  
Na morada  
Ao meu lado palma

Ao ouvir-se o disparo do inimigo  
Ninguém aguarda por um aviso

O seu trilho  
É outra marca  
Que o aparta do seu abrigo.

Todos pertences e sonhos  
São deixadas à retaguarda  
Tumultos naquela região

Sangue que se transforma em gritos no meu fracionado  
coração  
Oh! Meu Deus mas por que tanta injustiça  
Inocentes perdem  
Dai-nos a paz oh pai,  
Olha senhor pelo seu povo e escutai os dizeres desse despojado

**ANTÓNIO PRETO-BRANCO**

## PÁTRIA ARMADA

Lá do alto do planalto da Mueda  
Havia uma menina sonhadora  
Doava sorrisos de paz

Andava saltitante  
Desde a Mocimboá da Praia a Palma:

- Eu quero a PAZ!  
Gritava aos quatro cantos  
Até se ouvir seu rugido na Gorongosa

- Não quero a GUERRA!  
Meus olhos ficam aguados de ver crianças a chorarem de fome

Meus membros estremeçam como a dor do parto...  
Bebés são arrancados a força para se afugentarem na mata  
Mulheres ensanguentadas no luto dos seus maridos decapitados

- EU QUERO A PAZ  
Gritava o mais alto que pudesse  
Pequena guerreira  
Distribuidora de abraços

Aconchego das suas mãos macias  
Sobre a pele dos que morriam queimados...

- EU QUERO UMA PÁTRIA AMADA  
Unida por todos  
E todos por um  
Incolores...

- EU QUERO AMOR!  
Entre os irmãos de sangue e da fé  
Unidos numa só voz  
A gritar bem alto:

PAZ EM MOÇAMBIQUE!

- Eu só quero a paz...

**ANDREIA SILVA**



*Silva Dunduro*

## POBRES TÃO NOBRES

Pai meu Delgado,  
O cabo tem criado atritos!  
A arma dos famintos de poder disparou  
Deixando vestígios de ferimento  
Nessa nítida pérola do índico ah não

A fúria eclodiu, na vida da vida  
Com vida deixada sem vida.

És o grito do negro proletariado irmão  
Implorando por uma salvação  
Arrebatado por metralhadoras, Chuviscos de sangue  
Derramado no chão do patrão  
E escorrendo...!

Desnorteadas as pessoas vão correndo  
Visto que o semblante é o velório  
Ultimamente ninguém se faz sentir  
Apenas os filhos revoltados sem rosto  
Cantam, alegam-se em ritmos raivosos do som da arma  
Tenebrosos que destroem A alma  
A bruta Semente raivosa brotou da pátria amada, tramada,  
pilhada e mamada Lamentado nas bermas alguém sussurrou  
Muita discórdia e menos misericórdia.  
Socorro, oh Socorro!

Onde, onde pretendemos chegar assim? Vestidos de vestidos vermelhos sem fim! O meu, o nosso estado espiritual clama por ti Paz Vós que se cria harmonicamente, Não de lágrimas de dor mas sim, de um puro amor.

**GERTINO MAPUTE**





*Marcos Zandamela*

## DE PAZ PARA PÁS!

Depois de Mueda e Mocimboa da Praia, em Palma abriram  
novo talho  
A céu aberto. Bonito e cheio de glamour!  
É de graça, não precisa ostentar nenhuma moeda para  
apreciar. Há todo tipo de Carne humana,  
Produzida, astutamente de forma desumana  
É tanta que não se pode contar a dedos da palma da mão. Que  
horror!

Lá em Cabo Delgado vive-se um filme real de terror,  
Quem irá sagrar-se grande vencedor do óscar como melhor  
actor?  
Todos são geniais na sua profissão, executam-na com mestria e  
muito amor.

Acaso, é por acaso que os Nortes Americanos estão de olho no  
Norte do país?  
Gente sem rumo nem norte, virou centro das atenções  
internacionais  
E os de Sul, seus irmãos de raíz, Lamentam e combatem o  
massacre pelas  
Redes sociais.

Mas a pergunta que se recusa calar,  
Quem irá ser condecorado como melhor actor com um óscar?  
Àquele pai que aplaudia e sorria aos gemidos da filha que  
chorava ao ser Introduzida o semen antes de ser estrangulada?

Ou àquele bebê inocente e faminto que chupava o seio da mãe  
cujo a cabeça foi Decapitada?

Por quê não aquela mãe de primeira viagem que lhe foi  
interrompida a viagem,

Viu-se obrigada a emprestar uma incomum coragem,  
Perdida aos quatro cantos da mata, longe do quarto e  
ao relento,

De quatro, deixou um quarto de crianças cegas e sem cabeça  
ao verem uma Cabecinha espreitando entre os pilares  
das suas pernas.

Frágil, sem fôlego, suspirava e esforçava-se para dar vida a uma  
vida

Dúvida, martelava-lhe a mente que à sua dádiva recém nascido,  
Seria-lhe demolida a vida antes de ser circuncidado.

-Uma salva de palmas para aqueles indigentes de Palma  
Cujo as palmas foram perdidas pela fúria das armas,

Desalmados dos insurgentes, torturam até a alma.

Desarmados desses indigentes, armam-se simplesmente de  
clemência.

Que lástima!

Possuídos pelo medo, desesperam e esperam pela paz

Algum delinquente para lhes segredar que para à sua sepultura  
não terão ao menos Pás

Para um digno “descansa em paz”

Paupérrimos, nem uma botija ostentam, porém, sucumbem  
pela luta de gás!

Criançada que outrora sonhou com a bênção de uma arma de  
mentira para se Entreter

Amaldiçoada com armas de verdade, refugia-se para os mistérios da mata para Sobreviver

Adultos e velhos, deixam para trás tudo e menos nada,  
Mas, que tudo? Se o tudo que ostentam é o nada das suas  
próprias vidas  
Como animais a debandada dos caçadores furtivos,  
Cambaleados como embriagados pelo vinho a demanda de um  
porto seguro,  
Em seus peitos são cravados flechas e azagaias ofensivas  
“Mata sem escrúpulos, que não haja sobreviventes para contar  
a história”  
Essa é a frase imperativa, de certo,  
De um sujeito oculto  
Público, é tornado e entornado o sangue de um povo indefeso.

Pior ainda é a sagaz estratégia do inimigo  
O joio, que na calada da noite, cala vozes, antes, suscita gritos  
de desespero,  
Mata e ateia fogo,  
Deixa-os sem abrigo!  
A luz do dia infiltra-se ao trigo,  
Oferece um ombro amigo  
Reza o adágio popular’ “onde há desvantagem há vantagem”  
Seus corpos adubarão a horta para abundância da colheita  
que vem.

-Olhai para as aves do céu: não semeiam nem ceifam,  
Quanto à sua alimentação, os insurgentes se encarregam  
Bem-aventurados são os abutres de Mueda, Mocimboa da Praia  
e Palma,

Mesmo sem moeda para comprar, água para se banhar e muito menos palma  
Para trabalhar,  
Bebem e se alimentam do sangue e dos cadáveres despedaçados pelos insurgentes Que nem se sabe de onde surgiram  
Fartos, batem as asas e se põem a voar.

Estão entregues à sua própria sorte, bando de azarados,  
-Não, eles são culpados  
Estiveram num lugar inapropriado  
Na hora e no momento errado.

Foram expulsos da sua própria terra  
Perderam identidade, dignidade e honra  
São chamados refugiados de guerra.

À deriva, de corações partidos, partem para o desconhecido  
Alguns deixaram membros superiores e inferiores decepados  
Outros, membros entiqueridos dados como óbitos, aos restantes desaparecidos.

Carregam consigo imagens medonhas para a vida inteira  
Que nem o tempo formatará  
Ligados pelo mesmo sofrimento,  
Já não sabem a quem dar crédito  
São vários discursos promissores sem fundamento  
A única mensagem que deixam transparecer,  
Nem o dicionário e a gramática armazenam palavras para o descrever!

-Tal como Namaacha ofertou-nos Edson pertencente a Luz,  
Maria deu a luz ao Salvador Jesus  
Que na escuridão da humanidade foi nos a luz,  
Quiçá, que a esperança imortal desses desfalecidos deslocados  
ressuscite a graça De uma paz verdadeira e genuína,  
Que coadunará com um glória, glória! Hosana, hosana!

E disse lhes Jesus: Não temais os que matam o corpo e não  
podem matar a alma; Temei, antes, aquele que pode fazer  
perecer no inferno tanto a alma como o corpo  
E eu reafirmo nos ditos de Marcos 4:22.  
Não há nada feito em oculto que não haja de ser revelado.

**SAÚL O POETA REVOLTADO**

## UM JOVEM DETERMINADO

A minha letra é o xibamu de guerra que pakatzu nas costas,  
É o Morteiro que duvula e combate, indiscriminadamente,  
o oculto,  
Desde lá, lá, lá, lá longe nas catacumbas da fabricação do mal,  
É tanta moçambicanidade que até me dói no peito, transpira e  
fumo  
Eu sou um Jovem determinado, sim!

Eu vou combater,  
A partir daquelas terras da capital que me Maputo  
Até ao último pedaço de mistura de terra e água que me  
Rovuma,  
Vou correr, one, two, tree, go perseguir e aniquilar todo inimigo  
oculto,  
Ninguém me pára, este país é muito meu.  
É tanta moçambicanidade que até me dói nas costas e  
transpira Poder  
Eu sou um Jovem determinado, sim!

Não sou aqueles covardes que se mascaram o rosto  
E aparecem fardado sorrindo para confundir o meu povo,  
Eu sou aquele Jovem que acorda e vai a luta,  
Aquele que bazuca o terrorismo e o nyongonhismo,  
Quem bombeia lágrimas quando vê sangue e fogo no centro,  
Selvajaria e crueldade no meu Cabo do Rovuma,  
Eu sou o Delegado da libertação do meu País,  
Chega e basta! Ninguém me pára, eu sou um Jovem  
determinado,

Pára-me ninguém nesta batalha a minha determinação é maior  
do que o oculto!

Eu vou extinguir a vossa raça com o vosso allah radicalista,  
Dente por dente, vou queimar os vossos corpos até às cinzas,  
Zero piedade, vou queimar as vossas cinzas até me devolver,  
As vidas inocentes, aqueles irmãos decapitados sem piedade.

Vou derrubar todas muralhas da corrupção e das guerras  
sangrentas,  
Djimei no Kilimanjaro, eu vou acabar com esta desgraça já,  
já e já,  
A minha força é do tamanho de África, quero o meu terreno de  
volta!

Vou organizar a minha Pátria Amada por amor e com amor,  
muito amor

Re-ver o Norte a sorrir, a plantar e a colher na Palma da  
felicidade.

Eu vou reorganizar este país, passo a passo

É tanta moçambicanidade que até me dói o coração ver o país a  
arder,

Eu sou um Jovem determinado, sim!

Meu coração partido, todos corações partidos dentro de mim,  
Eu sou o Jovem determinado pra transformação e libertação  
Dos donos do petróleo e gás.

**O PATRIOTA**

## SANGUE DE ÁFRICA

Em minha terra, já não há sol!  
Tudo nublou, não há forças que nos defendam;  
Gotejam lágrimas no chão do nosso rosto...  
Nós já não pedimos pão,  
Anseiamos paz e mesmo se o quiséssemos,  
As machambas cheiram risco,  
As mamas não plantam mais pão!!!  
Chove sangue por lá.  
Sonhos pendurados no ombro da esperança  
Planos jogados na beira da estrada  
Palhotas em cinzas  
Há como gritar socorro?!  
P'la África que chora  
De todos nós!  
O sangue de África...

**LIZETE SITOE**

## O CABO QUE ERA DELGADO

O cabo era Cabo,  
O verdadeiro Cabo Delgado  
Agora, Cabo das armas no meio do choro,  
Na consonância do clamor em coro.

Cabo que era delgado,  
Agora virou rígido,  
No solo ensanguentado de nossos irmãos!  
Apagando a beleza da nossa terra!  
Murchando os petizes na vida colorida,  
Na dor e angústia, sem ninguém para dar a mão

Cabo que era cabo,  
De praias lindas de Palma,  
De histórias frias de Mueda  
De beleza e prosperidade dos rubís,  
Agora atacada por zumbís  
Virou lugar necrópole, de tristeza e de calma

O cabo que era Cabo!  
Virou silêncio na fala e cochicho no choro.  
O Rovuma, virou sangue fresco a cada minuto  
E o Índico transformou-se em terra necrópole

O Cabo Delgado,  
Já não é Delgado,  
Mas terra da química entre o sangue e lágrima,  
Terra da homogeneidade de vida e morte  
Onde morre-se a cada segundo,  
E um minuto na vida é questão de sorte.

**FRANCISCO RAGE**

## ÚLTIMO MANIFESTO DA PAZ

Viver em paz  
Quem não quer?  
És tu, és tu que te mascaras o rosto com “allah” da aberração.  
Eh! Tu,  
Devolve-me a paz e sai do meu país agora.  
Devolve-me a paz e abandona o meu país pra sempre.  
Devolve-me a paz e suma do meu país já.  
Chega de guerras no meu país, quero viver em paz!

Ordeno, imediatamente:  
Chega de tiros no meu país,  
Chega de mortes no meu país,  
Chega de sangue no meu país,  
Chega de gritos no meu país.

Chega de abusos na terra de Mondlane,  
Essas guerras tornaram-se,  
Uma sucessão infinita que assusta a matemática,  
Muitas chamas no centro, mais uma vez no norte,  
Meu país não é fornalha nem inferno,  
Meu país ardeu aos poucos e hoje,  
Não há bombeiro nem estrangeiro pra apagar as chamas.

Uma moçambicanidade desperdiçada,  
Riqueza da nação estuprada nesta infância,  
Quem sente a dor desta criança sangrenta?  
Quem ouve os gritos da xifesana da sua mãe amamentando  
esta criança?

A nossa soberania assaltada naqueles negócios,  
Ou naquela madrugada da Mocímboa,  
Ou naquela tarde da Palma,  
Ou naquela noite de Muidumbe,  
Ou foi mesmo naquelas colunas de Muxúngue.

Meu país não é fornalha nem inferno,

Chega de guerras no meu país!

Com toda moçambinidade do mundo,  
Bravura esquecida de Ngungunyani,  
Força e pujança de Samora,  
Eu vou combater nesta guerra,  
Com ximbalakatza, ximbamu, ou com arco e flecha,  
Ou até com zagaias e mísseis desta letra afinada.

Chega de guerras no meu país,  
O meu país não é fornalha nem inferno.  
A vitória nesta guerra é muito minha,  
E depois do triunfo,  
Eu vou viver em paz no meu país, porque sou filho de Deus.

**NOTA:** *Há nos textos uma mistura de línguas propositada, por isso, tem português, xichangana, árabe e inglês.*

**FÉLIX NICOLAU PELEMBE**

## PAZ UTÓPICA

Que paz se o povo ainda chora?  
Centenas de vidas jogadas para fora;  
Dentro dela muitos partem cedo,  
Mais demora e perdura o medo.

A destruição, essa é notável,  
Um inimigo externo incomparável;  
Uma força invade ao poder da pólvora.  
O mundo todo em grito lamenta,  
Porque a maldade só aumenta;  
A angústia é tanta que a todos devora.

Será que a real paz um dia chega?  
Mas haverá um soldado que nega.  
Levar ao fundo do inferno a Guerra;  
E deixar desenvolver a nossa Terra!

**NAZIR NHOMELA**

## PÁTRIA AMADA OU ARMADA?

Moçambique nossa terra gloriosa  
Pedra a pedra construindo o novo dia  
Pensando em combater a fome e não na guerra  
No desemprego e não na miséria  
Milhões de braços abertos, esperando a pomba branca do  
Rovuma ao Maputo

Pátria amada  
Ah..Rasgue oh minha pátria, a escuridão que indignamente  
Em seus ombros colocou a crueldade  
Pátria amada, levanta a testa ensanguentada da poeira,  
Que queremos cantar o hino sagrado de união e liberdade  
Povo unido do norte ao sul  
Queremos colher os frutos da paz profunda  
Esquecer o amargo sofrimento da Mocímboa da praia e  
Quissanga

Oh, pátria amada ou pátria armada?  
A enxada já na se faz sentir em Muidumbe  
No norte jorra mais sangue que água  
E as armas substituíram svibalakatsas  
Onde o cidadão é visto como pássaro...  
O sol de junho já não brilha no Centro aos seus olhos  
Senão na mente e nos papéis

Pátria amada

Tornou se pátria do relâmpago e de lágrima

Mas não é o mesmo sangue vermelho que circula nos  
moçambicanos e em todos?

Inocentes fogem da morte onde a única companhia é a sorte

Deixam tudo para traz levando consigo apenas um nome

Nossa terra

Pátria Amada... Pátria amada

Aaah...Pátria armada

Sonhos, esperanças.... malas...ah Vamos embora

Somos refugiados em nossa terra

O desejo é de não mais voltar

Nós juramos por ti oh Moçambique

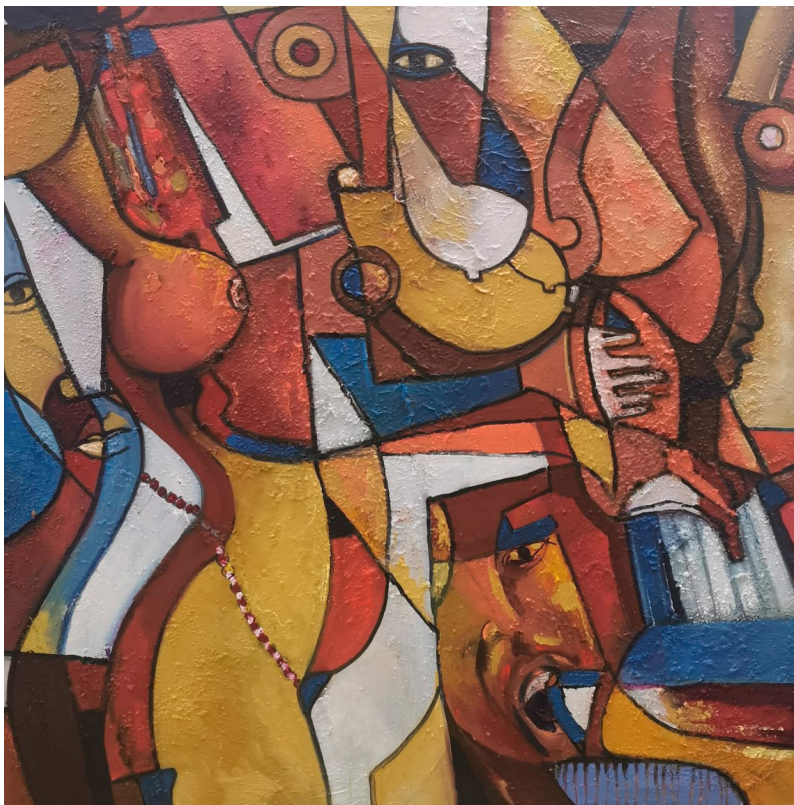
Pátria amada

Pátria amada

Pátria amada

Oh...Pátria armada

**LÚCIO TAVARES (RAÚL BILA)**



*Silva Dundero*

## LAMENTO DA ALMA DESOLADA

Sinto minha alma fora do meu corpo  
Perco minha essência a cada dia,  
E me torno o que não prefiro!  
Sou um fugitivo em minha própria terra.

Alguém aí ouve o meu clamor?

Tenho saudades dos tempos e tempos  
Em que a liberdade era de graça  
Era feliz pelo pouco que possuía  
E agora nem se quer identidade tenho

As armas mutilaram meus sonhos  
Tiraram meu sorriso e acabaram comigo  
Hoje nem sei quem sou!  
Mas me pareço com um soldado...  
Se de dia tenho um falso sorriso, de noite fujo dos meus  
predadores  
Era caçador lá nos velhos tempos  
Mas agora sou a caça.

Minha esperança está naquele  
Sim, naquele que disse que em seu coração cabe a todos nós  
Sim, nele espero alguma providência  
Não consigo ser eu mesmo  
Tenho até medo de quando tudo isso terminar precise que  
alguém me ensine a ser humano novamente

Pois pela noite até me posso camuflar  
E assim escapar por alguns segundos  
Mas aquele que me caça vem munido  
E até mesmo com lanternas e armas  
Se a alma tem um preço, não sei quanto custa a minha

Depressem-se em nos salvar

A cada dia vejo vale de ossos secos como aqueles dos quais  
mencionou Ezequiel na Bíblia  
E é um vale bem longo que engrandece-se a cada dia  
A minha alma não aguenta mais de tanta pressão  
Tornou-se Cabo Delgado uma desolação

Somos filhos dessa pátria amada  
Do qual juraram que nenhum tirano nos iria escravizar  
Se não consigo fazer o que quero  
E a única coisa que sei fazer é fugir  
Então talvez eu seja um escravo não assumido  
Talvez eu esteja vivo porque ainda respiro, mas dentro de mim  
há um abismo  
Depressem-se em nos salvar  
Antes que não sobre quem possa contar a história  
Espero por tí oh Moisés dessa nação  
Pois queremos chegar a terra prometida  
Onde reina a paz, a liberdade e a harmonia  
Queremos voltar para o teu coração

**PEDRO SEBASTIÃO MÁRIO**

## FILHO DE MOÇAMBIQUE

Me lembro que um dia ecoaram meu nome em toda pátria amada;  
Fui motivo de orgulho para muitos que em mim habitavam;  
Por décadas me convenci que seria eterno o respeito que em mim depositavam;  
Mas hoje, sinto-me órfão, pois deixaram a minha existência completamente abandonada.

Há décadas embebedaram-me de sangue, e mesmo com dor, eu ignorei...  
Pois era por uma causa nobre e justa, e me sacrifiquei pelo bem da maioria;  
Finalmente eu e meus irmãos livramo-nos do opressor e tivemos uma vida própria;  
Mas enganei-me por pensar que eternamente eu teria a proteção e cuidado  
De um rei.

Hoje, as pessoas que um dia derramaram sangue de invasores culpados em mim;  
Assistem e comemoram a minha morte e a morte dos meus irmãos sem piedade;  
No meio de uma insuportável tristeza me pergunto se mereço esse fim...  
Será que se esqueceram que um dia fui pra vocês um motivo de felicidade?

Ontem eu fui glorificado, mas hoje eu clamo e suplico por  
socorro;  
Por favor, parem de fingir que eu não existo e tomem uma  
atitude;  
Parem de comemorar enquanto de sangue inocente eu morro;  
Temos a mesma mãe, somos parentes.  
Façam algo para que a minha situação mude.

Um dia fui valorizado pelo sacrifício que fiz e  
Minha história ficou muito conhecida;  
Um dia meu povo foi respeitado e honrado,  
Mas hoje ate minha cultura foi esquecida;  
Vocês matam-me devagar quando me inundam de sangue  
inocente;  
E a riqueza que possuo, será outro motivo da minha  
inexistência permanente.

Com a voz que me resta, escutem o meu grito de socorro,  
Antes que eu me petrifique;  
Também tenho sentimentos, um dia eu fui  
E me senti por todos vocês muito amado;  
Somos irmãos, e tenho mesmos direitos que outros, também  
sou filho de Moçambique;  
Para quem me esqueceu, eu estou no Norte, sou o que restou de  
Cabo Delegado.

**SALVADOR DOS SANTOS**  
**{THE SMALL ROMANTIC}**

## SE CABO-DELGADO NÃO É MOÇAMBIQUE ENTÃO AMANHÃ MOÇAMBIQUE SERÁ CABO-DELGADO

Deixa-me ir  
Deixa-me ir  
A consciência está cansada de ficar  
Trancada nesta cela  
Então, deixa-me ir

Deixa-me ir entregar aos insurgentes  
A última gota do meu sangue para deixar aquele povo  
Em paz  
A alma cuspira contra a minha ignorância  
Enquanto o choro ensoberbece a tristeza da pobre palma  
Que poucos estendem a palma

Deixa-me ir  
Deixa-me ir desenterrar os ossos do meu querido  
Que alimentaram as esfomeadas balas de uma guerra por eles  
querida,  
Querida pára de ficar a espera de socorro nessa paragem dos  
SIM CHEFE  
E deixa-me ir ver de perto o que pouco querem me transmitir

Mas se eu não voltar, mãe, não chore  
Chore pelas nobres vidas que foram caladas nas caladas das  
noites,  
Das crianças que nasceram entre balas e correrias,  
Dos meninos, pobres adolescentes, com treinamento

Apenas de 2 meses que foram mandados lutar contra um  
inimigo  
Que nem tão conheciam  
Sim, mãe, falo dos soldados cartas que foram jogados no  
tabuleiro

Deixa-me ir ser o diferente que muitos não querem ser  
Deixa-me ir desentupir dos meus ouvidos o barulho deixado  
Pelas armas

Porque foi lá,  
Foi na palma  
Foi na mocimboa da praia  
Onde enterrou-se o sonho heróico

Molhado de lágrimas e ditadura  
Silenciado com o barulho das armas que vieram parir uma  
nova escravatura

Foi-se o jovem que abandonou a sua família  
O que oprimido pelas necessidades viu a necessidade de se  
juntar as forças  
Mas com força foi transformado num soldado abatido

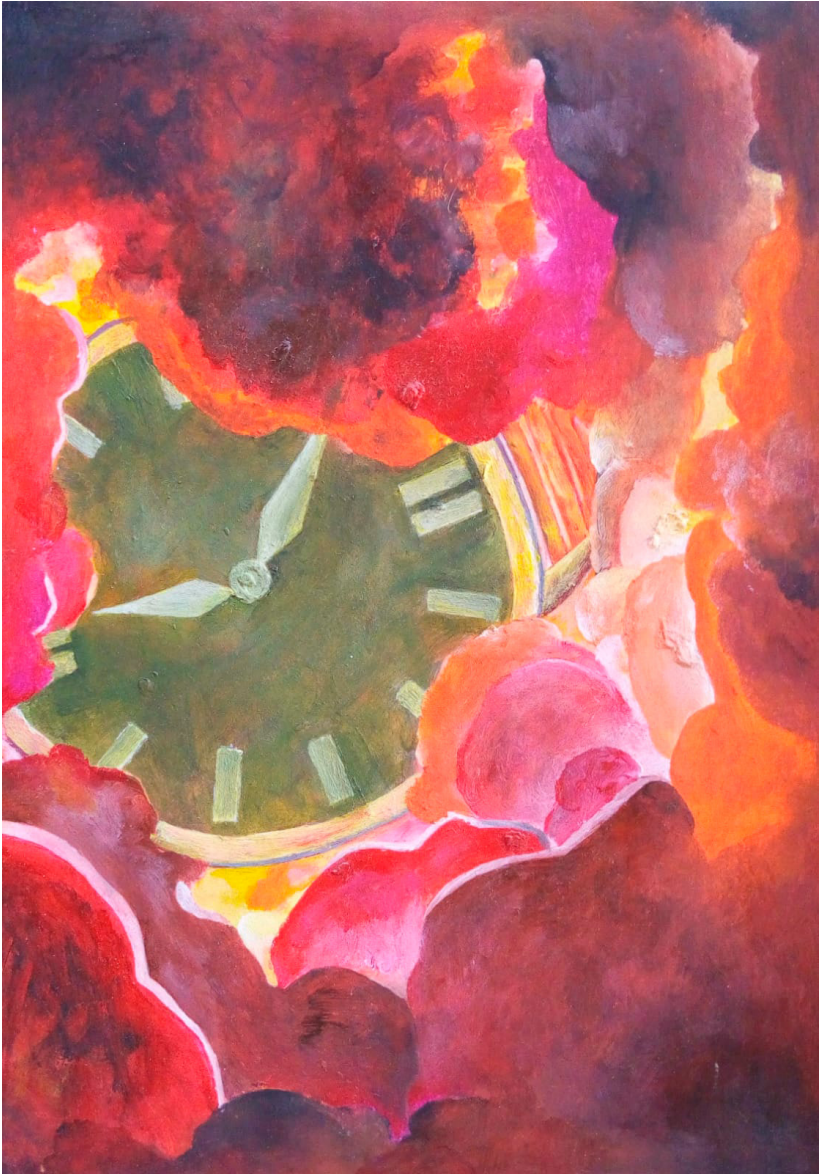
O irmão que saiu de casa com sonho de voltar tenente,  
Até foi patenteado sim  
Mas foi com catanadas que recebeu nos ombros e costas  
E dos sobreviventes o seu eu não consta  
E sobre a volta do seu corpo, tristemente disseram-nos:  
Na guerra a volta de um soldado abatido não conta  
Mas nada disso para a mãe conta

Pois a mãe via no filho o herói que com fardo tinha  
O sonho de declamar novas poesias que um dia faria-o  
rejuvenescer  
Mas hoje foi-se sem ver o seu primeiro filho nascer

As lágrimas, o sofrimento, a fome daquele  
As correrias em encontrar um tento acolhedor  
Em Cabo-Delgado isso transformou-se num conto  
adormecedor  
Pois as balas e agressões saciavam os esfomeados,  
Aqueles que com medo de morrer, morreram com vontade de  
jamais viver neste mundo

As crianças que viram o seu futuro a pegar chama  
Foram obrigadas a enterrarem retratos ensanguentados nas  
cavidades da alma  
E naquele ponto de país apenas ouvia-se: SE CABO-DELGADO  
NÃO É MOÇAMBIQUE ENTÃO AMANHÃ MOÇAMBIQUE  
SERÁ CABO-DELGADO.

**EDILSON CHISSANO**



*Marcos Zandamela*

## SONOLÊNCIA

[...]São seus olhos nefastos definhando  
As lindas águas de zavalá de dor  
Suas lágrimas deleitam sobre a cabaça da sua inocente pele.  
Moçambique como dorme!  
Dormes entre o silêncio correr das águas tesas do zambeze  
Entre o cantarolar das pálidas vozes  
Do que às nossas almas pinta à vermelho em mocimboa.  
E na impávida solidão do vazio das vilas  
Cheirando pólvora entre os rufos das armas  
E dos sonhos tombados nas estepes  
Entre o silêncio da primavera morte e dos pássaros  
Dormes, no ventre baço do palmo do Ocidente  
Ah moçambique como dormes!  
Dormes, mesmo no trintar madrugada das timbilas em  
inhambane,  
Entre os búzios do poema transcrito na aba da lágrima azeda,  
Que transcorre o casto rosto do irmão emakhuwa. Onde  
morrem os homens  
Ergue-se tímido silêncio e vazio entre os beijos de cabo  
Delgado.

**IVAN TEMBE, O SERVO DA POESIA**

## QUEM SABE UM DIA!

E se eu escrevesse um poema  
Quem sabe um dia  
Os cabos não mais precisariam guerrear  
No cabo delegado

E se o meu poema falasse  
Aos demais tocasse  
Levaria de nós os que se insurgem  
Sem teto, com punhos de sangue

Se o meu poema ao menos comunicasse  
Consolaria os olhos daquela menina  
Massacrada pela insurgência  
Desamparada pela vida  
Que grita: sou Moça do alambique  
Esquecida no norte  
Com a palma soltando a alma  
Num canto exposto ao gás  
Chorando encostada ao indico.

Apetece-me escrever um poema...

**GUIDA**

## A SITUAÇÃO DE CABO DELGADO

Que irmãos São esses  
Que levam-nos aos seus pertences  
Que não tem a ver com a liberdade vagueando  
Em todos corações

É vontade profunda  
Ver a esperança,  
Ter criança,  
Deste lado Para outro  
Desfrutando sua pequenice  
Se as árvores queimadas estão,  
Onde esconderemos  
A dor?  
Onde construiremos o Saber?  
De Onde vira o ninho do Sabor?

Nesta voz,  
Somos Paz  
Em Cabo delgado.

***BRITTON JOVO***

## JANELA DE ESPERANÇA

Olá Moçambique..  
Sinto as chamas ardendo nas vertizes dores da tua terra  
E ao alto: vida, letra e guerra!

A morte alheia que vem do descontente,  
É pedra que vagueia doida cansada de brigar  
E vive irrequieto, rugindo como um tolo dormente  
Com dias contados e sozinho a se castigar!

Nesta amada pátria de heróis  
A tempestade que bate é água quente  
Que com a bravura unida do povo a sóis  
Arrefecerá esse tumulto, espontaneamente.

Escuta! o silencio de pólvoras e tormentos a delirar  
São tubarões vigiando crias no território alheio  
Desesperados porque aqui: *“Nenhum tirano nos irá escravizar”*.

**MUEMEDE MATUMULA**

## MICRO CONTO

...

Apareceram nas ilhas das Quirimbas, na madrugada do luar, em canoas de pesca, mascarados e perto das dunas recitando os versos de alcorão. Jamal e o amigo sumail ambos pescadores, surpresos aspiraram profundamente quando deparados pela encenação dos habibis. – Hei! Quem está aí? Só covarde, engole sapos, venha comemorar a vida. Com firmeza repostaram os habibis, os destruidores das vidas. E, horas depois, quase ao amanhecer, os humanos apanharam um gole de silêncio, o mar ficou encarnado como o nascer do sol.

**GUDJAGU**



*Silva Dunduro*

## ESCARLATE

Nasce o sol  
E nas veias corre o medo  
Vem a luz  
Mas só a escuridão faz-se ver.  
Os gritos bloqueiam o meu coração  
No escarlate que se derrama  
Da vida que se esgota  
Em cada um que clama.

São lamúrias  
Porém muito mais que isso,  
É puro desespero, nesta terra que chora  
De vermelho, toda ela está profanada  
Pois a esperança decresce nos olhos das crianças.  
Agora somos sombra, inexistente, vazia, negra  
Sem ar para viver  
Porque tudo quanto meu morreu  
Neste Cabo Delgado, tudo que meu é desapareceu  
Por vossa culpa homens armados!!! Somente por vossa...!

**ELIANE LÚCIA LEONARDO BUTELANE**

## FRAGMENTOS

Já fui gente também  
Nascido do ventre nortenho  
Na palma de Mocímboa da Praia

Até homens maquiavélicos  
Devorarem seus filhos  
Tirarem em fragmentos os sonhos  
Do estendal esperança  
Um despontar de terror  
Que vestiu minha terra de luto

Escorreram rios nos rostos  
Ouviram-se preces soltas  
E breves  
Em conclamações

Gritos que rasgavam o chão  
Para dar adeus ao meu irmão  
Empapado de si  
Sobre o palmo da mãe

Nem último abraço  
Nem último rito

Soltei-me brutalmente dos braços  
E corri  
Fugi insistentemente  
Desacreditando abandonar meu berço

Rios desaguavam agora do meu rosto  
Eu e minha terra nos desprendíamos  
Sobravam lembranças, intactas  
E a esperança de voltar e reconstruir

Dez passos  
Deixei estórias nos cantos da Pátria  
Minha mãe foi saqueada  
Até lhe sobrar nada

**IGOR GUINDEIRO**

## TUDO PELA PÁTRIA AMADA

Através daquelas rodas de conversas com os nossos pais e avós  
Ainda estão gravados em nossa consciência  
A narração das conquistas sobre a violência do colonialismo  
E as atrocidades da guerra civil

O tempo foi fluindo ao tempo  
Das gerações que cá vieram assistir  
Os novos conflitos da pátria amada

E entre o governo, o povo e o desconhecido  
Nos apontamos os dedos na busca do culpado  
(até podemos saber quem são os culpados)

Mas ainda assim  
A corrupção no país não parou  
As armas sedentas de sangue do homem  
Não pararam de disparar em Cabo Delgado

Palma, Mutemba, ainda choram  
Muchoje, Macomia, ainda choram  
O fogo do ódio da terrorismo  
Come a mandioca, o feijão e o arroz do camponês  
O desprezo pela dignidade do homem  
Está matar e destruir vilas

É pelo grito que ferve o nosso sangue da humanidade  
Que corre em nossas veias, que clama-nos a esperança  
Que a pacificação é a nossa bandeira máxima

As vezes,  
Maior do que as circunstâncias e o rosto do culpado  
É ter coragem de impor uma solução  
E os vilões e os não vilões  
Todos têm medo de algum desassossego

Dos vilões e os não vilões  
Todos precisam  
Da paz e alegria de viver

E de tudo que nos é comum  
A cova é a treva que engoli a todos  
Mas sem esquecer que as estrelas e a lua  
Brilham no meio da escuridão  
Então, morrer herói é uma escolha de quem dá-se  
A oportunidade de praticar o bem comum, como preciosidade  
pública

**EDELSON TITOSSE**

## PERCALÇOS DA DOR

Doutro lado do mar vieste  
Vi- te mendigando minhas terras férteis e ricas de recursos  
naturais  
Acolhi-te como irmão,deite o pão,deite as ricas terras do Norte  
Afinal eras um espião, enganei-me outra vez  
E morri quando descobri,  
Morri quando às suas promessas desacreditei  
Ó Moçambique!  
Tornei uma pátria patriada  
E sem identidade sem cultura,  
Os rios de sangue derramados pelos pelos antepassados,  
Hoje são derramados pelos jovens e adolescentes  
Até parece um conto, más é real  
Ó Moçambique!  
Anos passavam! Anos passavam!  
Pensava que tinha conquistado a paz  
Mas tudo parece o mesmo  
A guerra nunca acaba  
A amarela da bandeira hoje é perigo de Norte  
Makhwas e makondes são nomádos terrambulando esse país  
Outra vez colonizados por causa das nossas riquezas  
Ó Moçambique!  
A bandeira hoje está meia-astro , amanhã estará toda vermelha  
Maçacrados todos pelo inimigo  
Hou, era uma vez, Moçambique!  
A branca fomos retirado pela Covid-19 e tu inimigo nos tira a  
amarela,

Só ficaremos com vermelha  
Significando maçacre dos moçambicanos!

***BENÍCIO BAMBO***

## MOÇAMBIQUE GRITA

Cabo Delgado grita  
Gritos sombrios dançam com o vento  
Joelhos trémulos como gelatina  
Rostos marcados pelas cores, castanho e preto  
Castanho que ontem simbolizava os trocos das árvores e areia  
Ontem castanho que dava a vida, hoje simboliza a morte.

Gritos sombrios dançam com o vento  
Rostos antes sorridentes como a luz  
Simbolizando um prospero Moçambique  
Hoje irreconhecíveis rostos pelo terror e fome  
Rostos marcados pela fome e poeira, até ficarem pretos  
Preto como o pau-preto.

Cabo Delgado grita  
Gritos sombrios dançam pelo vento  
Ouço voz rezando e choramingo saindo do seu lábio  
entreaberto  
Mãos, entrelaçadas para arrancar dos rostos o medo e terror  
Mãos entrelaçadas formando um só Moçambique  
Para fazer do ontem, hoje um amanhã melhor.

Gritos sombrios dançam com o vento  
Cada braço entrelaçado ao outro  
É uma nova vida e um novo broto no nosso país  
Cada palavra que escorrega das algemas mentais  
É a gasolina de mil soldados e irmãos.

**DANEY DE SAPIRE**

## PÁTRIA AMADA MOÇAMBIQUE

Terra da vinda dos desprovidos de  
Descalços?  
DO linguajar dos “madodas” e “madodanas”  
Que Não comeram,  
Que não cortaram a “floresta”  
Em busca da liberdade efectiva!  
Em busca da Paz efectiva!

Por isso espalham!  
Xirulo!  
Na minha Família dos Macondes,  
Dos Macua e Lómuè...  
SOCORRO!  
Na minha dos Chuabo  
Na minha dos Sena e Ndau

Haja Paz  
Entoadado por cantos eternos.

**J.Z.T**

## MOÇAMBIQUE ACTUAL

As mortes progridem,  
A felicidade esbanja sua tristeza!

Interditados  
No nosso próprio país  
Como nada,  
Sou obrigado a abandonar a minha morada

Estrondo e vandalos...  
São sonhos,  
Projectos que foram embora!

E hoje Moçambique é um palco de aflição!

**MAQUING NHACA**

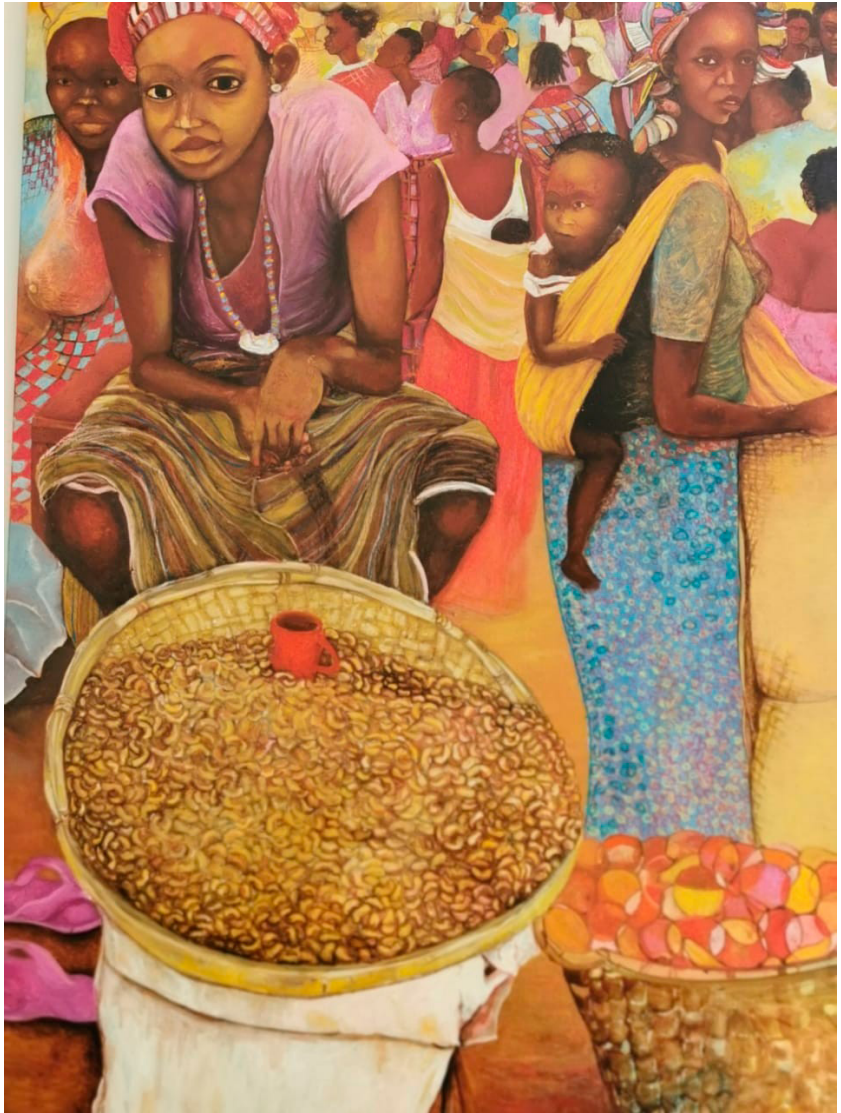
## ESPERANÇA

És tu!  
Jovem.

De crenças  
E pertenças!

Esperança,  
É devorar o medo,  
Chegar ao fundo e virar a página!  
De um canto para o outro.

**ARISTIDE COSSA**



*Silva Dundero*

## **A TERRA DO MAPIKU (CABO DELGADO)**

Cabo Delgado. É um grande sonho, conhecer as suas terras. Caminhar de pés descalços e bambolear na areia das margens das suas praias e rios, sopeteando a brisa das ondas mágicas das suas hidrosferas.

Quero, na verdade, vistoriar as suas cidades e vilas. Escalar as montanhas, palmilhar seus planícies e planaltos; rebolar na sua verdejante vegetação e contemplar-te, efusivamente, em toda a sua extensão. Quero conhecer esta terra rica. Terra do Mapiku. Aspiro deixar de ser sonâmbulo, acordar para realizar este grande sonho, que o desfruto, desde a mocidade. Ele reside na minha mente. Está gravado no meu coração e anima-o, como o voo leve da pomba branca, que anuncia os horizontes dos ventos, que trazem a verdadeira e dourador paz, aos olhos dos que tanto a aguardam.

Confesso! Enquanto menino, eu vira no mapa de Moçambique, que existe uma Província chamada Cabo Delgado, que possui nomes de distritos (lugares) que me faziam tartamudear, sempre que os tentasse pronunciar, dentre eles, Mueda, Pemba, Montepuez, Chiúre e Mocimboa da Praia , Afungi, Nangade, Metuge, Meluco, Palma, Balama, Macomia, Muidumbe, Ancuabe, Quissanga, Ibo, , onde se dança Mapiko, uma mistura de dança, teatro e música, praticada pelo povo desta terra, nas suas solenidades socioculturais.

Cabo Delgado. Uma terra bela. Rica e pacata. Embainhada pelas águas do Índico e do Ruvuma. Filha da Pátria Amada, a bela Pérola do Índico. Pérola gloriosa, histórica e vitoriosa. Ah! Eu quero lá, dançar Mapiko, quero lá, cantar a paz, a unidade e o amor entre os irmãos e irmãs. Quero lá, ser um bom actor, naquele solo pátrio. Um actor dos momentos que transmovem alegria, amor, paz e unidade dos Moçambicanos unidos por uma só razão e nação.

Cabo Delgado. Terra que eu sempre desejei, um dia, chegar, saindo do Sul, passando Centro, até chegar no Norte, para mergulhar nas águas do Rovuma e do lúrio, até desaguar de alegria nas águas do Índico, investido de patriotismo e galaradoado de distintivos de moçambicanidade, sem destinação, raça, cor, crença, região, religião, agremiação, tribo e (...)

Cabo Delgado. A sua história é jovem! Você precisa crescer. Precisa crescer muito bem e ser grande, porém, ninguém cresce bem e ser grande, crescendo sozinho, a parte.

Em toda Pátria Amada e a diáspora, ouve-se o clamor da dor, pelas seriações de infelicidades que invadem os seus peitos, pelas lágrimas que alagam as suas faces, pelo castigo que fustiga a sua alma, por causas das diversidades de recursos naturais, que você possui, ainda tão cedo!? Quem sabe, se é soberba. Avareza. gula ou perversão?

Cabo Delgado. Hoje, é palco de mortes, chacinas, dor, tristeza, sofrimento no rosto dos filhos da Pátria Amada, desde crianças, jovens e velhos.

Homens, mulheres e crianças estão num total desespero, sem tecto, sem água, sem pão e(...). Chora-se, enternecidamente, na Mocimboa da Praia. Fervilha o sangue dos moçambicanos em

Palma. Semeia-se o luto, nos distritos municipais de Mueda, Pemba, Chiure, Montepuez e Mocimboa da praia, o berço do maior desenvolvimento das infraestruturas da terra do Mapiku. Em todos os lugares da sua extensão, principalmente, nos jazigos das riquezas que contempla, estão fixos os olhos dos “bons” e dos “maus”, uns olham para atacar e outros olham para socorrer, mas, desde os séculos passados, nunca lá houve tais interesses, que hoje, zurzem o bem-Estar do povo. Fomenta-se ataques que geram mortes e destruições, avolumando a Cada dia o número dos desalojados e desordenação total.

Cabo Delgado. Como é que eu irei para aí, dançar Mapiku? Aprender a falar, a ler e a escrever Emacua, Chimaconde, Kimwani, Swahili, Yao e Ngoni? Como farei isso, se a minha Pátria Amada está de luto? Hoje, quebra-se a irmandade, por causa de interesses obscuros e vontades dos estranhos que infestam as suas terras e transformam a Mocimboa da Praia num Sepulcrário Municipal. Palma em jardim dos mortos e fantasmas. Mueda em campos de guerra de inimigo sem rosto, Montepuz em chamas e querem transfigurar a terra do Mapiku em cinzas...

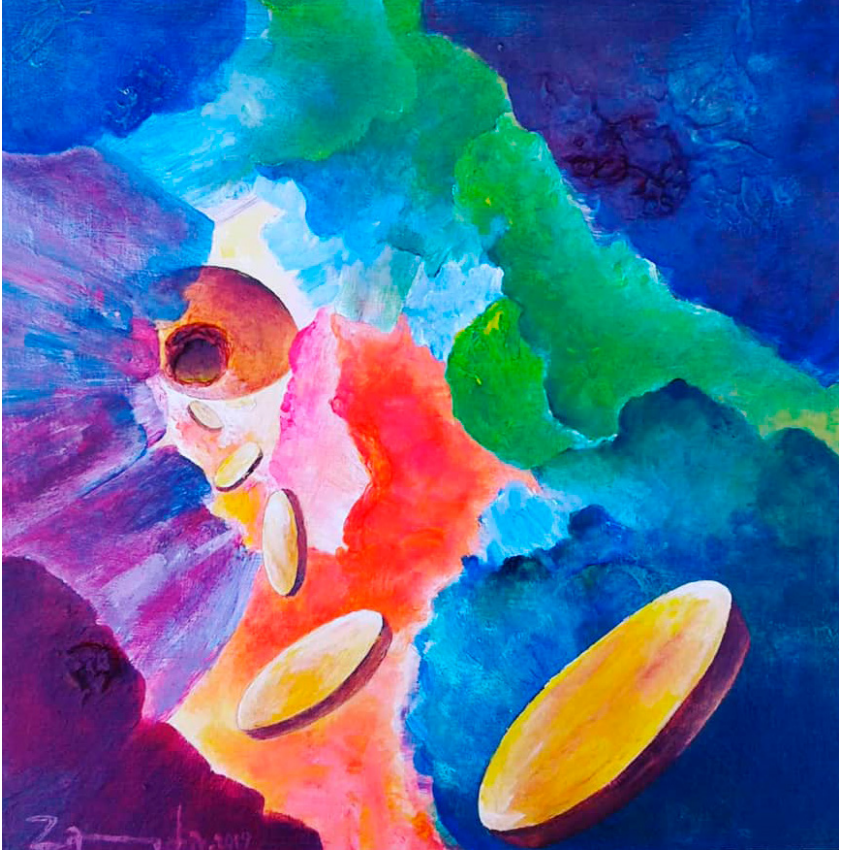
Na noite passada, cogitei que, o que faz que você sofra, é a riqueza que possui. Será? Indaguei-me. De seguida, peguei o Atlas, do mapa de Moçambique, olhei para si, Cabo Delegado, e vi que, você se localiza no nordeste de Moçambique. E é uma terra que possui muitos recursos naturais, desde os Biológicos que concebem vegetais, animais e florestas; Os Hídricos que escrituram lagos, rios, mares, oceanos; os minerais que marcam minérios, rochas, areia, argila, carvão e os energéticos que são a luz solar, vento, água, isto é, Cabo Delgado é terra

rica, para actividade turística, agrícola, pecuária, artesanato, pesca e (...), quem quisesse lá se instalar, teria uma vida de sonhos, como eu sempre tive. Chorei, por tudo e por todos! Quem pode a isto, suportar? Questiono-me, porém, não me respondo.

Cabo Delgado. Terra do Mapiku. Que floresça a paz douradora, para você crescer e desenvolver, bem como, a esta Pátria Amada, carinhosamente, tratada por pérola Índico, Moçambique terra gloriosa e “maningue nice”. Olha! Assim que, isto terminar, a paz e Mocimboa da praia ser reerguido, as casas, lojas, serviços governamentais e civis, assim como o aeroporto, eu irei para Cabo Delgado, terra de muitos recursos naturais, para realizar o sonho que trago desde a mocidade, com a terra do Mapiku, filha rica desta Pátria Amada, Moçambique.

**FERNANDO PARRUQUE**





*Revelino Sengo*

## CABO DELGADO

Oh Pátria Amada!

Mãe forte e zelosa.

Que dos filhos do seu ventre, são consagrados onze filhos:

Maputo, Matola, Gaza e Inhamabane, como filhos do Sul;

Sofala, Manica e Tete, como os do Centro;

Juntos e unidos com os de Norte:

Zambeze, Nampula, Niassa e Cabo Delgado.

Por onde o “canto”, a “dança”, a “língua”, a “cultura”, a  
“tradição”

Une lhes uma só tocha e canção

Tornando lhes uma só nação.

Moçambique, Pátria coberta de hospitalidade e simplicidade!

Consagrada pacífica, “maningue nice” e de boa gente,

Por gentes que a vista.

Os estranhos, esses, de coração cruel, também vieram;

Chegados aqui, envenenaram tudo, no silêncio e no total sigilo;

Hoje, não sabemos mais o que é mais cruel: a pobreza ou a  
riquezas?

Veja dilema e escuta o choro, ora o canto triste de Cabo  
Delgado!

Que lhe foi tirado a paz, a liberdade e o bem-estar,

São vozes dos nossos irmãos que dizem:

Vivemos escondidos, atrás desta triste realidade...  
Na penumbra luz dos interesses desalmados  
Embrulhados num fardo de mentiras e sentimentalismo fletis  
de elogios...  
Sem, tampouco pensarmos que,  
Quanto mais bem aromática for a fragrância de uma flor,  
Mais fedento se tornará seu mau, quando putrefacta...

Vivemos enganos, batidas, batotas e traições, nós filhos de  
Moçambique.  
Sem sabermos que, a cada dia, basta seu próprio mal.  
Fomos, e ainda somos tratados como um produto sucumbido  
da validade...  
Somos fustigados de inimigos sem rosto  
Que vêm pilhar tudo o que é nosso.

Ah! Cadê nossa esperança, nesse horizonte promissor?  
Na terra de Mapiku, nossa Pemba, Chiúre, Palma e Mocimboa  
da Praia.  
Não há voz que nos consola, nem a mão que nos proteja,  
Nem sequer, se pensa numa palavra que fizesse diferença,  
Que edificasse nossa nação.

Quem sou eu, para não mais ser dado a paz e o amor que tem a  
minha terra Moçambique?  
E tu, quem tu és que nos semeia o ódio, a rivalidade, a fome, as  
guerras e as mortes?

Cadê a paz trazida pela independência?  
Que depois das guerras civis, que um dia chegou para fortificar  
a soberania!?

Quando nos for devolvida, seja pela madrugada, sairemos das  
grutas, dos becos, dos Esconderijos sem demora,  
Voltaremos do estrangeiro, para a nossa Pátria Amada,  
Moçambique

Para novamente, juntos celebrarmos o novo dia,  
Dia do sol carregado da paz,  
Uma Paz duradoura, cheia de segurança, na nossa terra mãe...

Nós outros, sairemos sim, das montanhas e das matas,  
Para edificarmos as nossas palhotas e reconstruirmos as  
nossas vidas e famílias...  
Faremos vedações nossos quintais, de pique e pau, de madeira  
e zinco,  
De espinhosas, de arame farpado e estacas, de caniços e  
lacialacas, de papelões e de Sacos...  
Com o desenvolvimento, iremos reedificar tudo de novo  
Os técnicos e os engenheiros de obras de habitação, das  
estradas e poentes,  
Irão nos apoiar...

Sairemos sim das trincheiras e casaremos as nossas mulheres  
e nossos maridos. Cuidaremos dos nossos filhos e filhas, netos  
e genros, sogros e sogras e (...).  
Cantaremos canções de liberdade e amor e unidade.

Todos cantaremos pela paz...  
Paz duradoura em cabo Delgado.  
Gritaremos com os irmãos do Sul e do Centro e a diáspora, em  
coro:

“O amor chegou... A verdade chegou... a soberania e bem estar,  
também”

Quando, a festa terminar, vamos beijar as nossas mulheres e  
nossos maridos;  
E de mãos dadas com os nossos filhos e filhas, noras e genros,  
netos e netas, trabalharemos a terra, o sisal, a madeira e (...)  
O ferro e a pedra nos fará alcançar o desenvolvimento  
sustentável,  
Construiremos novas escolas, hospitais, mercados, fábricas e  
lojas,  
Que tanto almejamos...

Vestiremos roupas brancas, sem manchas de sangue,  
simbolizando a paz, o amor;  
A prosperidade, a unidade, a tranquilidade e...

Juntarmos as forças...calaremos para sempre as armas, a  
avareza e corrupção.  
Os desertores serão julgados com amor,  
Os refugiados serão acolhidos,  
Porque todos voltarão também, para ti, Moçambique!  
Aqueles que te abandonarão voltarão, também!  
Os estrangeiros de bom coração, juntar-se-ão a nós, para  
explorar dignamente;  
Os recursos existentes nos dezassete distritos existentes.

Na manhã da Paz,  
Paz Duradora, em Cabo Delgado, filha de Moçambique.

**ANDRÉ CHAMBULE**





*Noel Langa*

## - AFINAL O QUE SE PASSA CONTIGO?

Era noite de Janeiro, o tempo estava quente e difícil, a luz da lampada disfarçava a corte da corrente elétrica que é característico nesta época do ano, as sementes de milho embora meio mal nutridas por consumir excessivamente o escaldante sol aquecido pelas montanhas que enfeitam esta terra, já iam ganhando vida e esverdeando os poucos dias que sobravam do ano enquanto isso o capim elefante já fazia justiça aos campos de gente pragueira.

Todos se achavam no direito de falar com/de Deus. Talvez a Pandemia da Covid-19 estivesse por detras de tanta atenção no altíssimo, pois enquanto uns clamavam pela chuva, outros culpavam-no pelo calor, há quem no maior atrevimento dizia puder governar melhor os céus e a terra. Como se Deus fosse substituível! Me perdi na dura e difícil tarefa de me tornar uma boa dona de casa e conseqüentemente garantir um bom jantar ao nosso casal visitante.

Em fim, maquiagem o momento. Pois era o primeiro jantar que reunia estas duas embrionárias famílias e jantávamos a luz do brilho das estrelas que enfeitavam os céus já que a lua se havia ausentado. Prepararei xima com carne de galinha, galinha cafral sem fígado e com sabor inesquecível que o meu marido ganhou numa dessas suas aventuras por este vasto e verde Derre.

Falávamos sobre o futuro dos pares, dos nossos lares, sobre o início de mais um novo ano que se parecia com ensaio de 'shocharia', sobre os nossos filhos e dos planos e sonhos que afugentavam a pobreza para o mundo além do desta vida. conversávamos na maior tranquilidade quando repentinamente

um silêncio ensurdecedor pairou sobre a mesa. Foi como se os deuses pedissem uns minutos de silêncio em memória de algo grandioso.

Ficamos todos mudos, gelados e boquiabertos com a situação. Estavam todos os visitantes com os olhos focados no meu marido que na maior ignorância, vasculhava desesperadamente o seu pedaço predileto da galinha nos pratos dos convidados depois de não ter encontrado este na tigela de carril. Era o rabo de galinha ou ntumu na mwanacu como ele se gabando do seu tradicional Echuwabo se referia àquele pedaço de carne de galinha. Dizia ele que aquele pedaço lhe conferia a posse e o prestígio de dono da casa. Para ele, entre o ovo e a galinha veio primeiro o rabo da galinha. Achou o pedaço no prato da sua cunhada e sugerindo desculpas esfarpadas retirou-o num zás para o seu prato e entrou em cena. Olhava loucamente com os seus grossos olhos para o pedaço em suas mãos como a “cobra e o coelho”, tricava a carne como se os seus dentes fossem aço e a carne ferro e a cada vez que triturava a carne, lambuzava lentamente os seus trémulos dez dedos da mão com a agilidade de um noivo em noite de núpcias. Aquele pedaço consumia tudo em meu marido. Parecia magia! Tentei com gestos silenciosos, sinais secretos e tudo quanto podia reabilitar o momento e lhe chamar a atenção, mas nada podia frear a ganância e a garra com a qual o meu marido comia. Ele continuava dedicando toda a especial atenção ao pedaço em suas mãos, tanto que soletrava repetidamente baixinho: mtu-mu, mtu-mu, mtu-mu... Foi quando gritei desesperadamente: Afinal o que se passa? Era fogo por todo lado aqui em Cabo-Delgado, hoje nem o que comer não temos, de igual modo que não tenho com quem comia...?

**LOURENÇO MONIZ IN (CENAS LA DA ZONA)**

## NÃO SEI QUANDO MINHA GERAÇÃO SERÁ HERÓI

Não sei quando a minha geração será herói,  
Se os aprendizados das redes sociais inibem o meu ego a  
aprender,  
As forças instaladas em mim  
São distanciáveis do espírito da pátria e do patriotismo  
Se os bares encham mais que as bibliotecas.

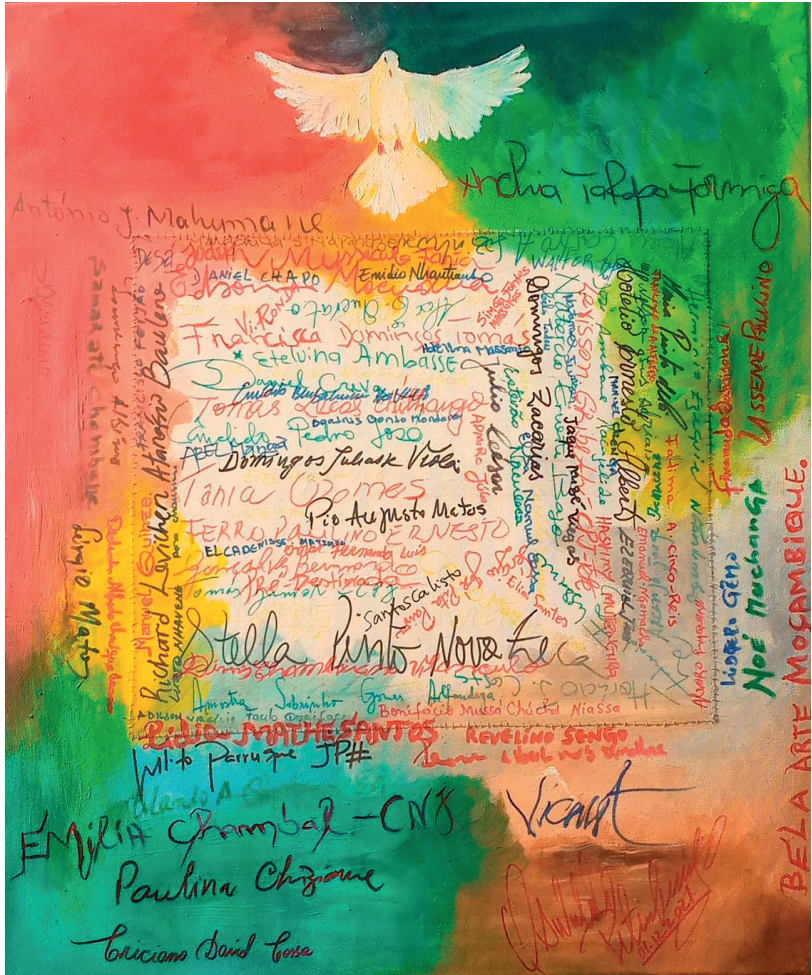
Não sei quando a minha geração será herói,  
Se os velórios são mais importantes que as visitas domiciliares  
e hospitalares,  
Se a fofoca é mais importante que o desempenho social e  
racional!

Não sei quando a minha geração será herói,  
Se o localismo e tribalismo  
Falam mais alto que a Unidade Nacional,

Se a inveja,  
Vale mais que o amor no coração,  
Se a confiança espelha-se  
No valor da idade e não na maturidade!

Mas a minha geração pode ser também herói  
Se a nossa luta for pela causa,  
Quando formos a fonte e buscar  
As ideias dos nossos timoneiros  
Termos a entrega árdua  
Para vencermos a batalha na nossa determinação!!!

**MASSAMBA JEQUE**



**Tela do movimento: 100 Assinaturas, sem terrorismo**, tela assinada no périplo pelo País, pelos líderes e irmãos Moçambicanos em representação em todas Províncias. Repudiando o terrorismo em Cabo Delgado e ataques na região Centro.



*Samora Machel*



# **MENSAGENS**



"Não temos como parar com a marcha  
Enquanto o povo estiver à espera de soluções!  
Este povo, que é parte da história heróica  
Da Luta de Libertação Nacional da nossa Pátria amada"

Ao escrevermos esta obra, esta mensagem, trazemos a nossa história, trazemos gerações, trazemos a nossa raiz, trazemos o nosso amor e tencionamos, assim, contribuir para a exaltação e solidificação da nossa história, na inspiração das novas gerações, no que concerne à necessidade de consentir sacrifícios, para obter resultados colectivos almejados.

O espelho, nestas páginas, reflecte como legado a honra, o sacrifício e abnegação dos libertadores da pátria, da exploração colonial, a assunção da necessidade de continuamente se defender, e pautar-se por ideais que incidam na consolidação dos ganhos conseguidos pelo povo moçambicano, e que perpetuem o nosso País na rota do desenvolvimento.

Os 46 anos da nossa independência, curiosamente refletidos nas entrelinhas desta obra, ilustram a luta do povo, mais uma vez reunido, para consolidar os valores conseguidos pelos ideários da nossa Nação, ilustram o tempo germinando a semente das lutas que travamos, lado a lado com os nossos heróis, ilustram os gritos que ditam a ordem, que não mais podem ser adiados e nem excluídos! Essa ordem se chama paz, unidade, justiça, é a liberdade de um povo erguido do sol, que não mais se põe nas noites, porque viver o dia em seus olhos tornou-se um acto soberano.

**RAZAQUE MANHIQUE**

*Primeiro Secretário da Cidade Maputo*



**DEFENDER COM ORGULHO A NOSSA PÁTRIA, É DEFENDER A NOSSA IDENTIDADE, ENQUANTO MOÇAMBICANOS**

É nossa responsabilidade como jovens, valorizar a nossa história, a nossa luta, as nossas conquistas e nossos Heróis. A nossa história mostra-nos que este País é de jovens, e sempre foi defendido por jovens. Nós a juventude, sempre tivemos e temos a responsabilidade de tudo fazer, para que Moçambique continue sendo um País que ama a PAZ e tudo faz para que continue sendo uno e indivisível.

Como jovens, repudiamos todo e qualquer acto de terrorismo e violência, que atentam com a nossa paz e soberania, tudo faremos por este País, que muito amamos. A forma de demonstrarmos o amor a esta Bela Pátria Amada é está que vemos, com o lançamento deste livro, que eleva o patriotismo.

É preciso que todos Moçambicanos e a juventude, sigam este exemplo, cada um com o seu saber.

**ANCHIA TALAPA FORMIGA**  
*SECRETÁRIA GERAL DA OJM*



## “A DEFESA DA PÁTRIA NÃO SE DELEGA”

O momento actual, caracterizado pela pandemia da Covid-19, pelos ataques terroristas em alguns distritos do norte da província de Cabo Delgado, e ataques da Junta Militar da Renamo, na região centro do país, concretamente nas províncias de Manica e Sofala, urge uma profunda reflexão em torno do papel dos Jovens perante a estes desafios. Pois, de entre vários actores chamados a fazer face a estas vicissitudes, encontramos nos jovens, hoje, como havia se encontrado nos jovens do 25 de Setembro, e outros, uma “tocha” sem igual, com potencialidade para clarear os destinos da nossa pátria amada.

O slogan “*Não perguntes o que a Pátria pode fazer por ti, mas sim o que podes fazer por ela*” pode-se traduzir neste chamamento à consciência patriótica do Jovem de se encaixar, em diferentes frentes: sociais, económicas, culturais e mais, sem preconceitos, nem exigências de ganhos pessoais, no combate incessante para o desenvolvimento e bem-estar de Moçambique e seu povo.

Queremos, também, nos apoiar à Política da Juventude quando diz “*Fazer da Juventude a faixa mais participativa da sociedade na construção da nação moçambicana*”, para consolidar a nossa visão de que o Jovem deve assumir na íntegra o compromisso de defesa da pátria. Vale lembrar, mais uma vez, que, a defesa da pátria não se delega, pois é tarefa de todos nós.

No espírito deste princípio, enaltecemos todos os jovens que, incansavelmente, se batem, sacrificando tudo quanto seja sagrado, incluindo a própria vida, para garantirem que a inviolabilidade do território nacional, o bem-estar do povo, o

funcionamento das instituições públicas e privadas estejam garantidos.

Haja a juventude, Haja o povo moçambicano!

**JAIME BESSA NETO**

*MINISTRO DA DEFESA DE MOÇAMBIQUE*

Juventude, ergue-te sempre, com irreverência patriótica. Usa a tua força e o teu tempo para o bem de Moçambique. Juventude, ontem fizeste a tua história e com tinta indelével, marcaste uma época!

Hoje também é possível, Sim é possível, façamos ACONTECER...!

**OSWALDO PETERSBURGO**  
*SECRETÁRIO DE ESTADO DA JUVENTUDE E EMPREGO*



Em nome do Conselho Municipal e dos munícipes de Maputo felicito a Organização da Juventude Moçambicana na Cidade de Maputo e a Bela Arte, pela publicação da presente Antologia **“Pátria Amada”**. Reconheço o trabalho feito pelos Autores, não só pelo seu valor estético, mas, sobretudo, como um importante incentivo à leitura e à escrita artística, inspirando talentos adormecidos no seio da juventude.

Com o título **“Pátria Amada”**, esta colectânea de poemas recorda-nos momentos e facetas da nossa história, tão bem representados e gravados na literatura moçambicana de combate. “Em **“Pátria Amada”**, os autores escrevem e exteriorizam o seu mundo interior estimulados pelo meio que os cerca. Embora a língua dominante da antologia seja o Português, é extraordinária a maneira como os autores fazem recurso das línguas moçambicanas para melhor transmitirem o que não cabe na língua da outra cultura. Nesse processo de comunicação, os textos da antologia transmitem-nos uma perspectiva de Moçambique caracterizada por uma riqueza de detalhes que tornam quase tangível a relação entre a arte da escrita e outras práticas artísticas e culturais usadas, como armas da resistência anti-colonial por nomes sonantes de jornalistas, romancistas, poetas, pintores, escultores, e de outras artes do nosso solo pátrio.

Os artistas que despontam de **“Pátria Amada”** vão, certamente, fazer jus à defesa e valorização da moçambicanidade, tal como testemunhamos, hoje, nos trabalhos de João Albasini, Albino Magaia, Rui de Noronha, Rui Nogar, José Craveirinha, Marcelino dos Santos, Noémia de

Sousa, Malangatana Valente Nguenha, Alberto Chissano e outros que com a arte influenciaram a juventude da sua época e a dos nossos dias. São personalidades que participaram na luta contra a dominação colonial e na reconstrução do País no período pós-independência. Na frente das artes e cultura, ajudaram a consolidar as conquistas dos moçambicanos, na sua forma mais sublime: A identidade moçambicana alicerçada na diversidade através da escrita e outras artes.

Congratulo os organizadores da antologia pela escolha do número 46 que simboliza e homenageia Moçambique ao completar 46 anos de Independência: O livro contém *46 textos sobre consciencialização e solidariedade nas esferas social, politica, religiosa, cultural, histórica e financeira de Moçambique*, produzidos por 46 contribuintes.

Assim, “**Pátria Amada**” junta-se a diferentes expressões culturais que se manifestaram no decurso das festividades do 134º aniversário da elevação de Maputo à categoria de cidade, constituindo-se em oportunidade para os munícipes de maputo, e não só, celebrarem e renovarem o seu compromisso de fazer desta Bela Cidade das Acácias e Jacarandás ***Uma Cidade Mais Bela, Limpa, Empreendedora e Próspera!***

**ENEAS DA CONCEIÇÃO COMICHE**  
PRESIDENTE DO CONSELHO MUNICIPAL DE MAPUTO

## **A CULTURA É A BASE DA NOSSA IDENTIDADE**

A arte e a literatura são duas disciplinas que melhor expressam a cultura de uma sociedade, e desta forma, a identidade de um povo. É da cultura que um povo se identifica perante os demais, muito em particular no contexto actual, caracterizado pela globalização cada vez mais crescente. A cultura aliada a história pátria, consolidam o sentimento de pertença a uma nação com uma identidade própria. E a identidade é inalienável, é a alma de uma nação, o orgulho de um povo, por isso que o saudoso Presidente Samora Machel, definia a cultura como o sol que nunca desce.

Por isso saúdo a presente iniciativa cultural, que eleva a nossa dignidade, o patriotismo e o espírito de auto estima. Agrega um valor incomensurável, o facto de ser um movimento nacional de iniciativa juvenil com um elevado valor educativo, sendo importante na promoção da moçambicanidade.

**EDSON MACUACUA**

*SECRETÁRIO DE ESTADO DA PROVÍNCIA DE MANICA*



## CARÍSSIMOS

1). Aceitar o convite para escrever uma mensagem que integra nesta Antologia “Pátria Amada” é um desafio, em primeiro lugar porque: Antologia, normalmente é formada por textos distintos, escrever mensagem que será lembrada ou notável é por si só um grande desafio e o segundo desafio é por onde começar?

2). Podia começar de muitas maneiras, mas lembrei-me que várias vezes, quando termino as minhas intervenções, debates, seminários ou mesmo as sessões do CEP, costumo usar expressão emblemática: “*A Luta Continua!*”

3). Pode-se perguntar, a Luta Continua porquê? Já estamos independentes, realizamos as Eleições com regularidade, os órgãos eleitos funcionam, os planos aprovados pelos órgãos competentes estão em marcha, então a luta continua contra quê!?!

4). Todos os aspectos que fizemos referência acima, não são por si só suficientes para considerarmos que a luta terminou! Pelo contrário, os desafios, as responsabilidades, as exigências, são cada vez maiores. Alias, no coro do Hino Nacional está escrito: “...*Pedra a Pedra construindo o novo dia..* .” Por isso o coro do nosso Hino Nacional adensa aglossa convicção de que estamos certos que a Luta Continua.

5). O mês de Setembro iniciou com a semana das comemorações do dia internacional da alfabetização de Adultos.

Para nós, a Luta Continua até a erradicação do analfabetismo na nossa Província, tudo faremos para que nenhuma Mulher, Homem, ou mesmo Jovem, não saibam ler, escrever e fazer cálculos. Esta é condição para participação consciente da nossa População, nesta parcela do País.

6). Nos nossos contactos com os diferentes segmentos da sociedade nos distritos da nossa Província, temos lançado um vigoroso apelo para que nenhuma Criança fique sem estudar. O lugar da Criança é na Escola.

7). O nosso apelo encontra inspiração no pensamento do Fundador da República de Moçambique, Samora Machel, Fazer da Escola Uma Base para o Povo Tomar Poder”.

Hoje Sua Excelência Eng. Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique actualiza e revigora o mesmo comando, orientando que o país deve garantir uma educação com duas dimensões principais: inclusão e qualidade.

8). É certa que podemos caminhar sem estudar, mas os riscos de tropeçar são maiores. E nossa convensão que a Escola é como uma lanterna á noite, indica o caminho à seguir. Por ISSO, a Luta Continua.

9). Ainda sobre a importância de Levar as Crianças para Escola, o eco da voz da Cantora Joana Couana, está sempre presente na nossa Paisagem mental, através da canção “Jowawana a tsike Shicole a tsama Xipamanine, Wayimbelela Mwana Wa muno, Aku, Kompone Xiquelene, via Malhangalene, Wayimbelela...”.Ela canta com muita amargura, porque o lugar da Criança é na Escola.

10). A Luta Continua pela valorização dos aspectos Peculiares das gentes de Maputo, e de todos os grupos étnicos que recolheram Maputo para viver, trabalhar, amar e construir famílias. Sabido que Maputo é uma Província Cosmopolita por excelência. Por isso urge a valorização da diversidade cultural que constitui o conjunto dos habitantes de Maputo.

11). Portanto, a Luta Continua para uma descentralização política -administrativa que promova a maior participação e controle popular sobre a actuação da administração pública, a ampliação e garantia dos direitos e liberdades individuais, o aumento da legitimidade política dos governantes e a abertura de canais de acesso das comunidades aos mecanismos de decisão.

12). Muito podíamos dizer, mas, dado a limitação do espaço, elegemos apenas (A Alfabetização, Educação e Valorização da Cultura dos Habitantes da Província de Maputo.

**JÚLIO PARRUQUE**

*Governador da Província de Maputo*

Escrever esta mensagem, é um convite a uma luta justa, é ser convidado a uma aula de sapiência, que desafia e dignifica, que sonha e ergue uma bússola, um olhar ténue, um presente ciente! É estar plenamente convicto de que como Jovens, estamos fazendo o depósito na conta certa, na conta da Paz e do Amor, é importar qualidades que agradam a bondade, a determinação, a paciência...! É desenhar meu contributo com esta mensagem poética, que representa minha admiração total e completa, a todos insignes que esculpíram obras de unidade e transformação, nesta casa de hoje, de ontem e de amanhã “Moçambique”!

É invocar modos que respondem este poema:

### **FILHOS DA PÁTRIA AMADA**

Terra mãe, pátria amada  
Teu chão abriu a boca  
E com tanta dor, amargamente sugou  
O sangue que o terror derramou  
Sangue do filho...  
Filho que viste nascer com orgulho e brilho  
Filhos...  
Filhos teus nangade, filhos teus muedumbe e palma  
Violentam-te nossa mátria, feriram de dor tua alma  
Desterraram teu povo, enviando-no num comboio sem trilhos  
Ainda assim somos sementes, uma vez de novo germinaremos  
E no raiar do Sol de wimbe, como povo triunfaremos

E mais além...

Renasce a nossa esperança secular

Nossa terra, nossa casa, nosso lar

Cabo Delgado, chão desta terra mãe continuemos

Independência ou Vida venceremos

Terra mãe por ti aqui estamos.

Por ti e contigo sempre estaremos.

Pátria amada...

**USSENE PAULINO USSENE**  
*Presidente do CJCM*



## "COMO JOVEM, COMEÇO OFERECENDO-ME UM POUCO DE CALMA"

E mesmo aqui, onde tudo me deixou, me importo em dançar outras canções. Canções da paz, do amor, da coragem, da certeza, da sorte... e nunca mais da raiva, do medo, do ódio, da guerra, da inveja etc. E para não perder o ritmo dos sonhos que levo em minha alma, venho reconstruindo com palavras, o mundo devastado que o tempo revelou. Entre a imaginação e a lembrança, o vento é a única orquestra que sonho ver em minha bandeira dançando!

É preciso devolver este jeito de nada à casa de ninguém!!! E deixar que os sonhos daqui, nos preencham de forma, sirvam de paredes, para o alcance de tudo que venha a ser ponte, horizonte, caminhos ou portas, e se souberem deixar as janelas do futuro se abrirem!

Essa história não pode ser inútil, pois é dela que se construi o fim, concordar em deixar tudo leve, como o sonho das nuvens! Mais do que todos os pedidos de desculpas, é devido purificar o sal das lágrimas, nestes rios que sonham servir! Tudo é estranho quando não há paz! Nossas praças vazias e tristonhas, reflectem o cúmulo da desolação de que somos reféns. Mas os rios Rovuma, Lúrio, Messalo, Lugenda, Megaruma, Montepuez são nomes de todos nós, que no corpo da aurora, formaremos o verso da brisa que descansará a nação.

**PALOMA MARRIPULA**  
*JOVEM MÉDICA*



## ÍNDICE

Prefácio .....	7
Moçambique .....	14
O decreto.....	18
Não sou mais gente .....	22
Revoltar-me-ei.....	24
Vamos salva-la.....	26
Aqui permaneço .....	28
Um grito de socorro .....	29
Cabo delguerra.....	32
As baladas sem rosto .....	34
E no repente .....	36
Nós cantamos, na pátria amada! .....	38
Sou cabo delgado.....	40
Silêncios da minha pátria amada .....	41
É assim que nós nascemos .....	42
Poesia de combate.....	44
Língua changana.....	46
Kumbe xana limwani siku .....	46
A voz do menino sonhador! .....	47
Massacre.....	48
Pátria armada.....	49
Pobres tão nobres.....	52
De paz para pás!.....	56
Um jovem determinado.....	61
Sangue de África .....	63
O cabo que era delgado.....	64
Último manifesto da paz.....	66
Paz utópica.....	68
Pátria amada ou armada?.....	69

Lamento da alma desolada .....	72
Filho de moçambique.....	74
Se cabo-delgado não é moçambique então .....	76
Amanhã moçambique será cabo-delgado.....	76
Sonolência.....	80
Quem sabe um dia!.....	81
A situação de cabo delgado .....	82
Janela de esperança.....	83
Micro conto .....	84
Escarlate.....	86
Fragmentos.....	87
Tudo pela pátria amada.....	89
Percalços da dor.....	91
Moçambique grita.....	93
Pátria amada moçambique.....	94
Moçambique actual.....	95
Esperança .....	96
A terra do mapiku.....	98
Cabo delgado .....	104
- Afinal o que se passa contigo?.....	110
Não sei quando minha geração será herói.....	112
Mensagens .....	117











# PÁTRIA AMOR

